

Apresentação do Seminário em homenagem ao centenário de nascimento do Dr. Herbert Moritz Caro,

16 de outubro de 2006 no Instituto Goethe, Porto Alegre

Ieda Gutfreind

Introduction of the seminar dedicated to Herbert Caro, held on the 16th of October 2006 at the *Goethe-Institute* Porto Alegre, Brazil.

Keywords: Herbert Caro; translator; Jewish History

Estamos aqui reunidos para prestar homenagem a um personagem que nos é muito caro, parafraseando Érico Veríssimo, que assim se referia nas cartas que enviava ao seu amigo: “Caro amigo Caro, sem trocadilho...” ou, “Caro Herbert Caro...”.

Dando início aos trabalhos, apresento nossos palestrantes:

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann - Do *Instituto de Letras* da UFRGS.

Profa. Dra. Maria da Glória Bordini - Do *Programa de Pós-Graduação de Letras e Coordenadora dos Acervos Literários de Érico Veríssimo (ALEV)* e de *Mário Quintana (ALMAQ)* da PUCRS.

Prof. Dr. Michael Korfmann - Do *Instituto de Letras* da UFRGS –.

Dr. Moacyr Scliar- Médico e Escritor.

Sr. Peter Naumann – Intérprete de Conferências.

Início nosso Seminário sobre Herbert Caro, destacando a sua relação com o *Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*.

Caro foi sócio do Instituto, participando de forma ativa e voluntariamente da *Câmara de Música e Teatro*. Doou à Instituição seu Arquivo Pessoal, um rico acervo de documentos, fotos e livros.

Poucos anos após o seu falecimento, o ICJMC, o *Instituto Goethe* e a *Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre* prestaram-lhe homenagens e a publicação do volume de número 9 dos *Cadernos Porto e Vírgula*, organizado por Rosana

Historiadora, professora aposentada da UFRGS e UNISINOS, Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rua: Gen. João Telles, 329; 90035-121, Porto Alegre, RS
Tel: (51) 3311-6100; e-mail: iedagut@portoweb.com.br

Candeloro, editado pela *Secretaria Municipal de Cultura* resultou do Evento. No volume, além da publicação de crônicas do homenageado, colaboraram admiradores, pessoas ligadas ao ambiente cultural porto alegreense, professores e amigos de Caro. Se naquela ocasião escolhera-se os 60 anos da chegada de Caro ao Brasil, nesta, escolhemos o dia que marca o seu centenário de nascimento: 16 de outubro.

Uma vez mais, o ICJMC, através do seu Departamento de Documentação e Memória, responsável pelo Arquivo Pessoal de Herbert Caro, relembra seu colaborador, o espaço que ocupou com seus companheiros e amigos – ligados à cultura e amantes da música.

Aqui faço um parêntese, lembrando outro companheiro e amigo: o sr. Maurício Roseblatt, que também em 2006 completaria seu centenário de nascimento e como Herbert Caro, ocupou espaços na vida cultural gaúcha e nas instituições da coletividade judaica.

A homenagem que prestamos à Herbert Caro, emana das propostas do ICJMC que, dentre outras, busca:

- difundir a contribuição judaica para a cultura;
- estimular o reconhecimento da identidade e o desenvolvimento das formas de expressão cultural da comunidade judaica no RS;

Caro contribuiu em um amplo leque de atividades culturais, seja no campo musical, no das artes em geral, no jornalismo, além de notabilizar-se como tradutor.

Asilou-se no Brasil, radicou-se no RS e, em reconhecimento ao seu trabalho, recebeu prêmios e títulos, dentre estes o de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

Teve ao seu lado, sua esposa Nina Caro, que sempre deu primazia e cedeu espaço ao seu esposo. Nina merece destaque pelas atividades que desenvolveu no campo do magistério e na literatura, foi uma intelectual, mas sempre manteve-se na retaguarda em relação ao seu esposo.

Caro desempenhou múltiplas atividades, foi vendedor, funcionário de escritório, “professor de línguas” como refere, caixeiro viajante e aos poucos, aproximou-se de atividades junto aos livros. Antes que vendedor, responsável pela seção de livros importados da então Livraria Americana, era o conselheiro dos livros e das partituras musicais a serem adquiridas pelos clientes. Trabalhando na biblioteca do Instituto Goethe, por longos anos, manteve o mesmo perfil: dominava a localização das obras nas estantes e conhecia o conteúdo dos livros, sugerindo-os aos consulentes.

Já na década de 1940 encontrou-se com seu interesse maior – a tradução- trabalhou na editora da Livraria do Globo e em várias outras, traduziu dezenas de livros e não apenas de autores alemães.

Na obra, *Exílio e Literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*, de Izabela Maria Furtado Kestler, publicado em 2003, pela *Editora da Universidade de São Paulo*, resultado de sua tese de doutorado, realizada na Alemanha, a autora que, inclusive esteve em Porto Alegre entrevistando Herbert Caro, afirma em relação

aos tradutores da língua alemã para o português: “Caro é o mais conhecido dos tradutores de língua alemã” e a mesma autora refere:

“Todo o material em papel, existente em seu gabinete, sob a responsabilidade de seu amigo e procurador, Ernst Leyser, foi doado ao *Departamento de Memória do ICJMC* de Porto Alegre[...] É do Departamento também, o mais longo depoimento dado pelo tradutor...” (p 87).

Sua confiança em entregar a documentação amalhada ao longo da sua vida ao Marc Chagall, nos permitiu organizar e promover este evento.

Esperamos que neste encontro relembremos sua pessoa, o momento histórico em que viveu, refletindo sobre o trabalho que realizou, justificando o título que escolhemos para o evento: “Traduzindo Herbert Caro”

Passo a palavra aos palestrantes, reservando após as apresentações, espaço para comentários e a participação dos presentes.

Herbert Caro

Moacyr Scliar

A introductory text on Herbert Caro, his background and his activities in the Brazilian exile.

Keywords: Herbert Caro; intellectual; translator;

A primeira coisa que se pode dizer a respeito de Herbert Caro (1906-1991) é que seu muito antigo sobrenome é daqueles que condicionam destinos. Na Babilónia dos séculos n e m, o termo "Kara" designava alguém que era capaz de ler ("Koré", em hebraico) os livros da Bíblia e explicá-los. Os Kara/Caro se espalharam pelo mundo. Aparecem na intelectualidade espanhola dos fins da Idade Média: são escritores, poetas, políticos. Uma família Caro é mencionada em Toledo no século XIV. O Rabi Joseph ben Efraim Caro (1488-1575), daquela cidade, foi o autor de *Shulchan Aruch*, um códex da lei ortodoxa judaica. Com a emancipação política na Europa nos séculos XVIII e XIX, os Caro já não seguiam o caminho do rabinato. Dedicavam-se também à medicina, às ciências, às artes. Herbert Caro era, portanto, o herdeiro de uma tradição cultural que se expressava em seu próprio sobrenome.

Nascido na Alemanha, Caro viveu em Berlim até que o nazismo se tornou uma realidade ameaçadora. Como outros intelectuais - Stefan Zweig, Otto Maria Carpeaux (este convertido ao cristianismo), Anatol Rosenfeld, Fritz Oliven - emigrou (1933) primeiro para Avignon, na França, depois para Porto Alegre onde viveu junto com a esposa Nina. Aqui, e apesar de todas as dificuldades, tratou de manter sua atividade intelectual. Era para ele uma questão vital, uma questão de sobrevivência espiritual. Caro era formado em Direito, mas não exerceu a profissão. Sua paixão eram os livros e a música, como o sabiam os que com ele conviviam. Meu caso: Herbert e Nina frequentavam a casa de meus sogros, Klaus e Seldi Oliven, e isto era uma oportunidade para longos e animados bate-papos. Sempre que vinha, e isto em geral coincidia com as festividades judaicas, Caro nos trazia presentes: em geral livros ou discos de música clássica, que ele, comentarista do assunto, recebia. Em torno dos livros, aliás, girava sua vida. Durante um largo período ganhou a vida como livreiro na Livraria Americana, que ficava na Rua da Praia. Mas não era um simples vendedor de livros; era uma pessoa que observava seus clientes e que tratava de estabelecer vínculos com eles, funcionando como uma espécie de consultor. Sobre esta experiência escreveu, para o Correio do Povo de Porto Alegre, várias crônicas, reunidas no volume *Balcão de Livraria*, título de sua coluna. Co-fundador e administrador por longos anos da biblioteca do Instituto Goethe, Caro na verdade funcionava como um verdadeiro promotor cultural: sobre Franz Kafka, por exemplo, deu várias conferências numa época em que o autor tcheco era praticamente desconhecido no Brasil.

Por último, mas não menos importante, Herbert Caro era um tradutor de méritos reconhecidos. Graças a ele o público brasileiro pôde ter acesso à obra de Thomas Mann: *Os Buddenbrooks*, que lhe deu o Prêmio Jabuti 2001 *Doutor Fausto*, A

Escritor e médico; e-mail: scliar@zerohora.com.br

Montanha Mágica, As Cabeças Trocadas. Do Nobel Elias Canetti traduziu *Auto-de-fé e O outro processo: as cartas de Kafka a Felice*. De Hermann Broch, *A Morte de Virgílio*, de Hermann Hesse, *O Lobo da Estepe e Sidarta*; de Johann Joachim Winckelmann (e com Leonardo Tochtrop), *Reflexões sobre a Arte Antiga*, de John Steinbeck e com Ernesto Vinhaes, *As vinhas da ira*.

A esposa Nina partilhava com ele o entusiasmo pelos livros e escreveu várias obras de literatura infantil, entre elas *Aprende brincando, criança* (notem que as primeiras letras do título formam um ABC: como Herbert, Nina gostava desses jogos e brincadeiras). Não tinham filhos, mas eram pessoas muito sociáveis. Conviviam com a intelectualidade de Porto Alegre, Êrico Veríssimo em particular. Herbert foi um dos fundadores, em 1936, da Sociedade Israelita Brasileira de Beneficência, SIBRA. Entusiasmado pelo futebol, torcia pelo Inter de Porto Alegre. Uma prova de sua adaptação ao país para quem deu uma grande contribuição cultural e humana.

Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil

Izabela Maria Furtado Kestler

This article offers a general view on the historical circumstances regarding the exile of Herbert Caro in Brazil. It also informs on his intellectual and professional background, based on official documents and research material as well as on an interview that the author realized with Herbert Caro in 1988.

Keywords: German Jews; History of exile; Exile in Brazil

1 Introdução

Neste artigo abordarei alguns aspectos da vida e da trajetória intelectual de Herbert Caro, cujo centenário de nascimento foi lembrado em 2006. No decorrer da minha pesquisa sobre o exílio de intelectuais e escritores no Brasil, realizada de 1987 a 1991, que resultou na tese de doutoramento intitulada *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*,¹ defendida e publicada em 1992 na Alemanha e na versão em português com o título de *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo em 2003*,² tive a oportunidade única de entrevistar Herbert Caro em Porto Alegre em 18 de dezembro de 1988. Antes já tinha trocado algumas cartas com ele não só para marcar a entrevista, como também para lhe relatar sobre a minha pesquisa então em andamento. Na época eu ainda morava na Alemanha, onde estava preparando minha tese de doutoramento. Caro já era uma referência muito importante na minha vida acadêmica em função de sua atividade como tradutor para o português de obras máximas da literatura em língua alemã do século XX, notadamente das obras de Thomas Mann, Hermann Hesse e Elias Canetti. Fui a Porto Alegre na ocasião exclusivamente para visitá-lo. Passamos várias horas naquela tarde ensolarada do dia 18 de dezembro conversando a maior parte do tempo em português sobre as circunstâncias de sua vinda para o Brasil e sobre sua trajetória intelectual e profissional. Num português pleno de sotaque e sonoridades de sua língua materna, Caro foi desfiando aos poucos os acontecimentos de sua longa vida. O ambiente em que a entrevista aconteceu não poderia ser mais propício: o gabinete de trabalho e biblioteca de Caro em cujas paredes se erguiam estantes abarrotadas de livros em alemão e em português. Sob o olhar atento e carinhoso de sua esposa, Nina, Herbert Caro me relatou alguns dos fatos mais significativos de sua vida. São estes fatos e mais as circunstâncias históricas de sua vinda ao Brasil que pretendo apresentar aqui neste trabalho. Inicialmente abordarei de forma concisa as circunstâncias históricas que envolvem a trajetória de vida de Caro.

2 Algumas observações sobre a situação dos judeus na Alemanha nazista

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. Cidade Universitária- Ilha do Fundão Av. Brigadeiro Trompowski s/n CEP 21941-590 Rio de Janeiro - RJ Fax: (21) 25517017; Tel: (21) 25536016; e-mail: izabela@alternex.com.br

Escrever sobre Herbert Moritz Caro significa falar em primeiro lugar do exílio e da perseguição nazista imposta a judeus das mais diferentes origens: alemães, austríacos, poloneses, húngaros, tchecos, franceses, italianos, enfim alemães e todos os outros povos que sofreram a ocupação nazista a partir de 1939. Os primeiros a sofrerem tal perseguição foram os judeus alemães a partir da ascensão do partido nazista ao poder na Alemanha em 1933. Não cabe aqui traçar um painel histórico das leis anti-semitas que vão sendo paulatinamente promulgadas na Alemanha e a partir de 1938 na Áustria após a anexação deste país à Alemanha, que objetivavam primeiro a exclusão dos judeus da vida pública e que culminam com a retirada da cidadania alemã segundo a lei de cidadania alemã de 25 de novembro de 1941. É com a expatriação que se inicia a deportação dos judeus alemães para os guetos nos países ocupados à leste da Alemanha (Polônia, Lituânia, Estônia e Letônia) e para os campos de extermínio também localizados em sua maioria na Polônia.³ Havia na Alemanha em 1933 cerca de 400.000 judeus de nacionalidade alemã e 109.000 de outras nacionalidades, no total em torno de meio milhão, ou seja, eles eram 0,76 % da população total. Além disto, havia cerca de 380.000 pessoas de ascendência judaica.⁴

Não cabe aqui no escopo deste trabalho fazer a crônica histórica da perseguição e extermínio dos judeus na Alemanha e em todos os outros países europeus que caíram sob o domínio nacional-socialista ou estavam sob sua esfera de influência. Esta política nacional-socialista em relação aos judeus tem duas fases principais: de 1933 a 1941 perseguição e exclusão e de 1941 a 1945 o assassinato dos judeus alemães e dos judeus dos países europeus em questão. Quanto às razões e desrazões que levaram o Estado nacional-socialista a primeiro excluir os judeus da vida pública, tirar-lhes os direitos civis, interná-los em guetos, deportá-los para campos de extermínio e implementar "racionalmente" o assassinato em massa de cerca de 6 milhões de judeus europeus, menciono aqui as reflexões sobre este tema do sociólogo Norbert Elias. Este lembra por exemplo que Hitler, já em sua obra *Mein Kampf* de 1925 recomendava o assassinato em massa dos judeus com a utilização de gás venenoso. Além disso, Elias assinala que do ponto de vista militar os pogroms e as câmaras de gás não tiveram nenhuma utilidade e que o empenho extremo de forças de trabalho e meios técnicos, exigidos para o transporte e assassinato de milhões de judeus no auge da guerra não valia a pena do ponto de vista absolutamente racional.⁵ Não cabe aqui também discutir exaustivamente as desrazões alemãs, mas ainda citando Norbert Elias, menciono as principais desrazões:

Implementar a 'solução final da questão judaica' não tem nenhum fundamento do tipo dos que comumente chamamos de 'racional' ou 'realista'. Ela significa simplesmente o cumprimento de uma crença profundamente enraizada que era central desde os inícios do movimento nacional-socialista. Segundo esta crença a grandeza atual e futura da Alemanha e da 'raça ariana', cuja personificação maior era o povo alemão, a 'pureza da raça'; e esta 'pureza', pensada em termos biológicos exigia o alijamento e se necessário o extermínio de grupos humanos 'de qualidade inferior' ou inimigos, que poderiam prejudicar a raça ariana através da miscigenação, sobretudo o alijamento e extermínio de pessoas de ascendência judaica. Hitler e seus seguidores nunca esconderam que consideravam os judeus os piores inimigos deles e da Alemanha. Para

tanto não precisavam de nenhum tipo especial de comprovação: pois era sua crença que a natureza assim o determinara através da ordem mundial e de seu criador. Eles acreditavam que os judeus, graças às suas características raciais inatas, não poderiam deixar de odiar o povo ariano-alemão superior e que se lhes fosse permitido iriam arruinar este povo.⁶

É importante ressaltar que a história desta perseguição e do extermínio de populações judaicas empreendida com afinco pelos nazistas se entrelaça e se entrecruza com a história da II Guerra Mundial e com a história do exílio inicialmente de alemães, perseguidos por razões políticas e/ou por causa das práticas anti-semitas implantadas pelo governo nazista. Não cabe aqui desenhar um quadro exaustivo do exílio e suas causas, mas sim apenas apontar algumas de suas principais características.

3 Alguns aspectos da história do exílio

O exílio não é uma invenção do século XX. Há, na história de todos os países e, em todas as épocas, relatos de perseguição e banimento de minorias. A emigração em massa de pessoas provenientes do III Reich é, entre os casos conhecidos, no entanto, única e singular. Nunca antes na história de um país ocorreu a emigração em massa dos representantes da cultura e da ciência de um povo.⁷

A história do exílio se desenrola em três fases, ligadas diretamente à consolidação inicial do regime nacional-socialista e posterior anexação da Áustria, à eclosão da II Guerra Mundial e à conseqüente invasão dos países vizinhos à Alemanha pelos exércitos nazistas. A primeira fase, que vai de 1933 a 1938, é denominada de exílio na sala de espera. Ou seja, os exilados se refugiam nos países próximos à Alemanha aguardando a tão esperada queda do regime nazista. Os principais países de asilo desta fase são: França, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça, Holanda, União Soviética e Inglaterra.

A maior parte dos exilados refugiou-se, no entanto, nos dois primeiros países citados, os quais, em função da estabilidade de seus respectivos sistemas democráticos permitiam, e no caso da Tchecoslováquia, até incentivavam as atividades políticas dos exilados. A preferência pela proximidade geográfica explica-se também pelo fato de que inicialmente era consenso entre os exilados de todos os grupos que o nacional-socialismo teria uma vida curta no poder. Nestes países de asilo, escritores e intelectuais juntamente com grupos políticos desenvolveram sobretudo atividades políticas de denúncia do nacional-socialismo. Jornalistas fundaram jornais, editores criaram editoras para publicação de obras do exílio e grupos políticos de diferentes espectros se associaram para lutar contra o regime nazista.

Não cabe aqui traçar todas as linhas de atividade política e cultural de escritores e intelectuais. É importante assinalar, no entanto, que este primeiro período do exílio foi em termos literários, artísticos e culturais o mais frutífero. Com o correr dos anos, as condições de vida de escritores e intelectuais deterioraram-se paulatinamente, sobretudo a partir de 1937-1938. Com o recrudescimento da recessão e do desemprego ao longo dos anos 30, França, Suíça e outros países de asilo passam a

restringir a concessão de vistos de permanência assim como licenças de trabalho para os exilados. Aumenta por outro lado o êxodo, sobretudo de judeus alemães, principalmente após o pogrom (denominado pelos nazistas de *Reichskristallnacht* - noite dos cristais) e a queima de sinagogas em toda a Alemanha, realizados na noite de 9 para 10 de novembro de 1938. Com a anexação da Áustria em março de 1938, o número de exilados, que a esta altura já não são mais bem-vindos em nenhum país da Europa, cresce geometricamente. A anexação da Áustria assinala assim o fim do primeiro período do exílio.

O segundo período de 1938 a 1940 é o da fuga em massa de todos os grupos de exilados para países ultramarinos. Em março de 1939 a Tchecoslováquia, que abrigava milhares de exilados, é invadida por tropas nazistas. Os grupos provenientes desse país e da Áustria afluem para a França e Inglaterra. Finalmente, em 1º de setembro de 1939, tem início a II Guerra Mundial com a invasão alemã da Polônia. Em maio de 1940 ocorre então a invasão da Holanda, Bélgica, Luxemburgo e da França, a qual, após a rendição assinada no dia 22 de junho de 1940, fica dividida em duas partes: a parte norte do país até o sul de Paris é ocupada pelas tropas alemãs e a parte sul permanece "livre" sob o comando do governo colaboracionista do Marechal Pétain, o chamado governo de Vichy. A invasão e ocupação da França provoca então a fuga em massa dos exilados (só na França viviam cerca de 55.000 exilados alemães e austríacos), que, sobretudo de Marselha, no sul da França, tentam obter vistos para países fora da Europa, os quais por sua vez criavam todo tipo de empecilhos na concessão de vistos aos exilados. Dentro deste quadro desesperador e de luta pela sobrevivência, não causa espanto a ausência de qualquer tipo de atividade cultural.

A terceira fase de 1940 a 1945, denominada fase ultramarina, é marcada pela dispersão dos exilados em quase todos os continentes. Os EUA acolheram a grande maioria dos exilados, enquanto que a América Latina acolheu entre 75.000 e 90.000 exilados.⁸ Havia também centros de exílio em Shanghai (China), Turquia, África do Sul, Austrália, Palestina (ainda sob mandato britânico) e até na Nova Zelândia. Em todos estes países de asilo, a maior parte dos escritores produziu obras significativas, as quais em sua maioria não chegaram a ser editadas nos países de asilo. Só em alguns países (México, Argentina, EUA, e na Europa, Inglaterra) foram criadas editoras especializadas na propagação da literatura do exílio.

4 Exílio no Brasil

O mais importante país de asilo na América Latina foi a Argentina, que acolheu entre 45.000 e 50.000 refugiados.⁹ Após 1933 o Brasil se tornou o segundo mais importante país de asilo na América Latina, acolhendo apenas cerca de 16.000 emigrantes refugiados de fala alemã. Neste contexto é importante mencionar que proporcionalmente ao tamanho do país, o Brasil acolheu muito menos refugiados do que poderia ter acolhido. Este fato deve-se não só à conjuntura político-econômica da época - Era Vargas, Estado Novo, recessão econômica, simpatia declarada do governo Vargas pelos regimes fascista italiano e nazista alemão - mas também e sobretudo à impiedosa política de imigração do governo brasileiro. A partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, a política imigratória é marcada por forte tendência anti-semita, manifesta nas circulares secretas e memorandos enviados pelo Itamarati às representações consulares brasileiras na Europa mais procuradas por refugiados, em sua maioria apátridas. Não cabe aqui traçar um painel completo da

legislação e das idéias xenófobas e anti-semitas que norteavam a política migratória.¹⁰

Concomitantemente realizou-se no Brasil uma política de nacionalização forçada das minorias étnicas, que culmina no caso da minoria de origem alemã, com a proibição do uso público da língua alemã e com o fechamento de jornais e editoras alemãs em 1941.¹¹ Na seqüência da instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o decreto de 12 de março de 1938 proibira o funcionamento de "filiais" brasileiras de partidos estrangeiros e quaisquer atividades político-partidárias de estrangeiros. Destes fatos depreende-se que a política de nacionalização como um todo afetou profundamente não só aquelas minorias étnicas, que eram o seu alvo principal - minorias alemãs, japonesas, italianas e outras -, mas também a própria assimilação e aculturação dos refugiados de fala alemã. Não cabe, por outro lado, no escopo deste trabalho traçar um quadro exaustivo da assimilação e da aculturação sócio-econômica dos refugiados de fala alemã no Brasil. É importante assinalar que o decreto citado acima impossibilitou a criação em bases legais de organizações antifascistas de exilados, como ocorreu sobretudo na Argentina e no México. Ou seja, tanto as atividades dos partidários do nazismo e do fascismo quanto aquelas dos inimigos dos regimes nazista e fascista eram consideradas ilegais. A declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo (Alemanha e Itália) em agosto de 1942 atinge indistintamente refugiados e membros das minorias étnicas provenientes destes países.

Quanto aos escritores e intelectuais pode-se de um modo geral constatar que a grande maioria veio para o Brasil só a partir de 1938 e em muitos casos somente porque a emigração para os Estados Unidos não era possível. O Brasil não era portanto para a grande maioria o país de asilo desejado. Ao contrário do que se aconteceu no México e na Argentina, os escritores exilados no Brasil não conseguiram, até por razões legais em função do decreto de 1941, fundar uma editora própria ou publicar em editoras brasileiras obras em alemão. Por essa razão, algumas das obras literárias ou ensaísticas destes escritores e intelectuais foram traduzidas e publicadas em francês ou em português. Além disso, grande parte das obras escritas no Brasil só foi publicada no original nos países de fala alemã da Europa após a II Guerra ou permaneceu inédita até hoje. O fato de que poucos escritores e intelectuais representativos e conhecidos se exilaram no Brasil explica também a pouca importância do Brasil enquanto local de produção de literatura do exílio. Dentre os escritores mais representativos situam-se Stefan Zweig (1881-1942);¹² Paula Ludwig (1900-1974) autora de ampla obra lírica; Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951), poeta pertencente ao círculo de Stefan George e de Hugo von Hofmannstahl em Viena; e o poeta, romancista e dramaturgo Ulrich Becher (1910-1990). Nem Paula Ludwig nem Leopold von Andrian-Werburg escreveram ou publicaram no Brasil. Há, como já mencionado acima, algumas obras literárias de importância, dentre as quais destacam-se o romance autobiográfico *Der Schmelztiegel* (O caldeirão de culturas) de Marthe Brill (1894-1969)¹³ e a autobiografia romanceada *Seidenraupen* (O bicho-da-seda) de Hugo Simon (1880-1950)¹⁴, importante personalidade da vida política e cultural da República de Weimar. Os intelectuais mais representativos fizeram suas respectivas carreiras e se tornaram conhecidos após a II Guerra no Brasil. Dentre estes é importante mencionar: Otto Maria Carpeaux (1900-1978); Herbert Moritz Caro (1906-1991); Anatol Rosenfeld (1912-1973); Vilém Flusser (1920-1991); Paulo Rónai (1907-1992); e o casal Egon (1910-1991) e Frieda Wolff (1911).

Contam-se, entre as obras publicadas no Brasil, coletâneas de ensaios pseudo-filosóficos (*Die Totalschau des Universums* em 1945 de Walter Menzl); de ensaios literários (*A cinza do purgatório* em 1942 e *Origens e fins* em 1943 de Otto-Maria Carpeaux por exemplo); obras sobre a questão judaica (*Judeus te contemplam!* em 1945 de Erich Fraenkel por exemplo); romances históricos e/ou de entretenimento traduzidos para o português (*À sombra do Corcovado* em 1941 de Frank Arnau e *Beaumarchais, o aventureiro do século da mulher* em 1942 de Paul Frischauer por exemplo); relatos autobiográficos (*À la recherche d'un monde perdu* em 1944 de Susanne Eisenberg); e, por fim, três biografias elogiosas de Getúlio Vargas, escritas por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo pelos autores Paul Frischauer, Wolfgang Hoffmann-Harnisch e Hans Klinghoffer.

A seguir relato concisamente as informações que Herbert Caro me forneceu sobre sua vida na Alemanha e sobre as circunstâncias de seu exílio, em primeiro lugar na França e depois a partir 1935 no Brasil.

5 Trajetória de Herbert Moritz Caro

Caro nasceu em Berlim, filho de pais judeus alemães, em 16 de outubro de 1906. Trabalhava como advogado no Tribunal de Primeira Instância de Berlim quando sua licença foi cassada em 1933 devido à sua ascendência judaica. A cassação de sua licença para atuar como advogado se insere no contexto de uma das primeiras leis anti-semitas promulgadas pelo recém-instalado governo nazista. Trata-se da lei de exclusão de judeus dos quadros do serviço público alemão e da cassação de licença para o exercício da atividade advocatícia, denominada *Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums* (Lei para o restabelecimento da carreira do funcionalismo público) de 7 de abril de 1933. Não podendo mais exercer sua profissão, Caro foi no mesmo ano para a França. Em Dijon, na Universidade, começou a estudar línguas românicas. Sobreviveu dando aulas de alemão e de tênis. Em Berlim, Caro havia sido um dos dirigentes da *Federação Alemã de Tênis de Mesa*, de 1926 a 1933. Como a situação na França se complicava para os refugiados alemães, Caro começou a procurar um outro país de asilo. Em 1934 voltou para a Alemanha, casou-se com Nina Zabłudowski, judia de origem polonesa, e começou a providenciar sua emigração para o Brasil. Chegaram a Porto Alegre em maio de 1935. Nesta época ainda era relativamente fácil se conseguir vistos de entrada para o Brasil, já que ainda vigia a Lei migratória de 16 de maio de 1934, que previa a imigração por meio de cartas de chamada. A partir de 1937 no entanto a legislação de restrição da imigração é acompanhada pelas famigeradas circulares secretas, mencionadas acima, de cunho anti-semita destinadas a reprimir e impedir a imigração judaica para o Brasil.

Junto com outros refugiados, entre os quais Fritz Oliven, um conhecido libretista de operetas que escrevia sob o pseudônimo de *Rideamus*, Caro fundou a *Sociedade Israelita do Brasil* em 29 de agosto de 1936. A esposa de Caro, Nina, dirigia a *Frauenverein*, a ala feminina. A criação desta entidade beneficente foi destacada por Caro em sua entrevista como uma de suas realizações mais importantes.

Muitos refugiados conseguiram, com auxílio dessa organização, trazer para o Brasil parentes ameaçados pela perseguição nazista na Europa. Foi com orgulho que Caro relatou em sua entrevista que conseguiu trazer para o Brasil seus pais e os pais de sua esposa logo após a *Noite dos Cristais* de 9 de novembro de 1938. A vinda dos pais de Caro corresponde a um curtíssimo período de afrouxamento das

diretrizes anti-semitas da legislação imigratória brasileira. “Enviávamos nossas mulheres ao Itamaraty no Rio de Janeiro. Mulheres sabem chorar. E nós esperávamos que elas conseguissem amolecer os corações duros dos funcionários”.¹⁵

Em depoimento sobre a história da SIBRA, Caro comenta sua filiação à esta entidade com as seguintes palavras: “Eu me filiei à SIBRA, inicialmente, por simples solidariedade, aos poucos, posso dizer, me tornei realmente judeu”. Completa seu depoimento com as seguintes palavras: “O judaísmo não fazia parte da minha vida, mas Hitler mostrou a todos, rapidamente, o caminho de volta a ele”.¹⁶

Outro fato marcante, destacado por Caro em sua entrevista, diz respeito à proibição do uso público da língua alemã, assim como o fechamento de jornais e editoras alemãs a partir de 1941. Tal proibição estava dentro do contexto da política de nacionalização forçada das minorias étnicas, denominadas à época de “quistos étnicos”. A proibição do uso da língua alemã atinge assim não só as colônias alemãs no Brasil, mas também os refugiados provenientes dos países de fala alemã.

Caro mencionou também em sua entrevista outro fato extremamente injusto que o afetou e todos refugiados vindos da Alemanha e da Áustria a partir de 1942. Após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, a Itália e o Japão em janeiro de 1942, os alemães, austríacos, italianos e japoneses assim como os refugiados viram-se entregues à paranóia da segurança, ou seja, eram considerados ameaças à segurança nacional. Além disso, em março de 1942, todos foram intimados a indenizar os prejuízos decorrentes do torpedeamento de navios brasileiros. O *Banco do Brasil* passou a confiscar 10, 20, ou 30% do patrimônio e do salário dessas pessoas, de acordo com o montante de suas respectivas contas bancárias. Caro relatou que 10% de seu salário eram confiscados mensalmente a partir de agosto de 1942. Depois que o Brasil declara oficialmente guerra à Alemanha em 22 de agosto de 1942, e de acordo com a lei nr. 4638 de 31 de agosto, os empregadores podiam demitir sem aviso prévio “os súditos das nações às quais o Brasil havia declarado guerra”.¹⁷

Ficou claro na entrevista que Caro não podia ser classificado como exilado político, pois não desenvolveu nenhum tipo de atividade explicitamente anti-fascista durante os anos de vigência do nazismo. A vinda para o Brasil foi segundo ele definitiva, ou seja, ele não pretendia retornar para a Alemanha após uma eventual derrota do nazismo. O ano de sua vinda para o Brasil, 1935, indica também que Caro pretendia se fixar definitivamente no Brasil.

Caro trabalhou por 10 anos na editora *Globo*, como tradutor e editor. Esta editora contava desde 1935 com o escritor Érico Veríssimo, que exercia a função de Conselheiro Editorial. Entre outros traduziu Thomas Mann, Emil Ludwig, Oskar von Wertheimer, Hermann Hesse e Elias Canetti. Escreveu ensaios sobre arte e literatura para jornais e revistas brasileiras, assim como os dicionários Português - Alemão e Português - Latim. Em 1960 o Ministério da Educação publicou uma coletânea de seus ensaios com o título de *Balcão de Livraria*,¹⁸ que contém suas crônicas publicadas no jornal *Correio do Povo*. Além disso, foi a partir de 1956 co-fundador e administrador por longos anos da biblioteca do *Instituto Goethe* de Porto Alegre.

Caro foi sem dúvida o tradutor mais conhecido do idioma alemão para o português. Juntamente com Anatol Rosenfeld em São Paulo, Otto Maria Carpeaux e Paulo Rónai no Rio de Janeiro, Caro formou o quarteto mais afinado que o Brasil já teve no campo do intercâmbio cultural entre o Brasil e as letras germânicas.

Notas

¹ Publicada em Frankfurt pela Editora Peter Lang em 1992.

² A versão para o português foi feita por Karola Zimmer e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo em 2003.

³ Existe uma ampla literatura sobre os temas abordados aqui. Cito aqui apenas a obra fundamental de Raul Hilberg: *Die Vernichtung der europäischen Juden* em 3 volumes. Frankfurt, Fischer, 1991. Quanto à questão específica das leis anti-semitas impostas aos judeus alemães, vide: Kai Henning & Josef Kestler: “Die Rechtstellung der Juden”, In: *Staatsrecht und Staatsrechtslehre im Dritten Reich*. Org. por E-W. Böckenförde. Heidelberg, C. F. Müller, 1985.

⁴ ROSCH, Lea & JÄCKEL, Eberhard. *Der Tod ist ein Meister aus Deutschland. Deportation und Ermordung der Juden. Kollaboration und Verweigerung in Europa*. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992. p. 15.

⁵ ELIAS, Norbert. *Studien über die Deutschen: Machtkämpfe und Habitusentwicklung im 19. und 20. Jahrhundert*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1991. p.402-3.

⁶ Id.Ibid. p. 403-4.

⁷ BERG, Jan & BÖHME, Hartmut et al. *Sozialgeschichte der deutschen Literatur von 1918 bis zur Gegenwart*. Frankfurt a. M., Fischer, 1981. p. 419.

⁸ VON ZUR MÜHLEN, Patrik. *Fluchtziel Lateinamerika. Die deutsche Emigration 1933-1945: politische Aktivitäten und soziokulturelle Integration*. Bonn, Neue Gesellschaft, 1988. p. 49.

⁹ ROJER, Olga Elaine. *Exile in Argentina 1933-1945. A historical and literary introduction*. Frankfurt a. M., Peter Lang, 1989. p. 1.

¹⁰ Vide entre outros: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: Fantomas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo, Brasiliense, 1988; KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: O Embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro, Record, 2002; LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

¹¹ OBERACKER, Karl Heinrich. “Die Vernichtung der deutschsprachigen Presse in Brasilien im Jahre 1941”. São Paulo, Instituto Hans Staden, s.d.

¹² Stefan Zweig foi indubitavelmente o escritor de fala alemã mais conhecido no Brasil durante esta época. Sobre sua vida e sua trajetória no Brasil, há a magnífica biografia de Alberto Dines, intitulada *A morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*, publicada em terceira edição ampliada no Rio de Janeiro pela editora Nova Fronteira em 2004.

¹³ Esta obra foi publicada no original em alemão pela Editora *Büchergilde Gutenberg* da cidade de Frankfurt em 2002. Nunca foi traduzida para o português.

¹⁴ Esta autobiografia romanceada infelizmente nunca foi publicada nem na Alemanha nem no Brasil. Permanece inédita.

¹⁵ Entrevista com Herbert Moritz Caro, Porto Alegre, 18/12/1988.

¹⁶ “Nossa História. A história dos primórdios da SIBRA. Um pequeno relato da história da imigração judaico-alemã no Rio Grande do Sul”. Disponível em: <http://www.sibra.org.br/historia.htm> . Acesso em 13/06/2006.

¹⁷ Lei nr. 4638, Revista de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro, Ano III, dez. 1942, nr. 3 e 4, p. 3.

¹⁸ Questionário preenchido por Herbert Moritz Caro, datado de 25 de fevereiro de 1971 (Localização e inventário de fontes sobre a emigração alemã 1933-1945), In: Institut für Zeitgeschichte/Munique.

Herbert Caro nas cartas de Erico Veríssimo

Maria da Glória Bordini

Erico Verissimo's letters to Herbert Caro, during the 1950s, offer a portrait of the translator of Thomas Mann, revealing his taste for music and movies as well as an insights in his role as a critic and confidant of the Brazilian author.

Keywords: Herbert Caro; Erico Veríssimo; letters.

1 Um judeu alemão se refugia no Brasil

Herbert Caro, judeu alemão de Berlim, ao transferir-se para o Brasil em 1933, já sentindo a perseguição do nazismo em progresso em sua terra natal, não sabia que viria a tornar-se um dos expoentes da vida literária do Sul, ao colaborar com a Livraria e depois Editora Globo como tradutor de literatura alemã, a partir da década de 40. Formado em Direito, além de seu conhecimento literário e de seu apurado senso de humor, que transparecia mais em seus textos do que no dia-a-dia, era um apaixonado pela música erudita, um verdadeiro melômano, o que ninguém suspeitaria diante daquele homem sisudo, que à primeira vista parecia ainda estar vivendo na tradicional formalidade dos ambientes acadêmicos de sua Alemanha.

Sua familiaridade com os livros – trabalhou na Livraria Americana, em Porto Alegre, onde não só vendia mas aconselhava a compra de livros aos clientes – e com a língua portuguesa, que aprendera de tanto consultar dicionários, e sua participação frutífera na Sala dos Tradutores da Globo – para a qual ele verteu *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, levou-o com o tempo a ser requisitado para a tradução exitosa de difíceis e complexas obras-primas como o *Dr. Fausto*, do mesmo Thomas Mann, e *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch, que o consagraram no meio cultural brasileiro.

2 Herbert Caro e Erico Verissimo: uma amizade nascida na Editora Globo

Foi da convivência na Globo que se originou uma amizade duradoura entre Erico Verissimo e Herbert Caro. Desde os anos 40, quando se conheceram por razões profissionais, até o falecimento de Erico, em 1975, os dois mantiveram um relacionamento muito franco e confiante, em que de lado a lado houve a troca de estímulos mútuos, de conhecimentos e de experiências de vida, bem como o estabelecimento de fortes laços afetivos entre as duas famílias, que permaneceram em contato mesmo à distância, quando as viagens de Erico o afastaram do Brasil, por vezes durante vários anos. Esses distanciamentos deram origem a uma fértil troca de correspondência – de que o Acervo Literário de Erico Veríssimo possui apenas as cartas de autoria do autor de *O Tempo e o Vento*. Essa coleção testemunha o quanto Erico estimava o amigo e o quanto Caro representava para ele como elo de ligação com um Brasil que, de longe, parecia estar se perdendo nas crises políticas

Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV) e-mail: gloria.bordini@pesquisador.cnpq.br

dos anos 50 e 60, e de uma Porto Alegre que se tingia de saudade à falta de notícias.

Antonio Dimas, que examinou a coleção dessas cartas, afirma que, mesmo sem acesso às respostas de Caro, “é possível esboçar um quadro altamente positivo desse relacionamento, uma vez que a amenidade que dessas se libera permite-nos confiar na boa disposição anímica dos dois correspondentes”. Ele seleciona cartas que testemunham a intensa atividade cultural e diplomática de Erico nos Estados Unidos, mas interessa-lhe o auto-retrato que o escritor traça a seu amigo. Aqui a proposta é deprender como Erico vê Herbert Caro, o que se pode realizar pela observação das confidências que lhe faz e pelas informações que lhe oferece, as quais pressupõem qualidades e características do destinatário.

Erico era um correspondente tenaz: escrevia e respondia, mas seus destinatários nem sempre lhe correspondiam. Herbert Caro era a exceção. Apenas na década de 50, podem-se computar 38 cartas a ele dirigidas, coincidentes com os períodos de sua estada em Washington, de 1953 a 1956, e com sua viagem à Europa em 1959. Entre os temas muito insistentes nessa correspondência, Erico, quando está a serviço da OEA, queixa-se da falta de tempo para dar atenção ao amigo que lhe reclama respostas, pede notícias de alguns amigos e colegas da Globo, tais como Mario Quintana, José Rasgado Filho, Edgar Cavalheiro, ou Maurício Rosenblatt, que não lhe escrevem, expressa suas saudades de Porto Alegre, mas constantemente refere concertos, peças teatrais, livros e discos adquiridos, comentando-os. Percebe-se, nas cartas, que Erico recebe encomendas de discos de Caro e que o mantém informado do que está sendo lançado em termos de livros nos Estados Unidos e na Europa. Um dos autores sempre citados é Thomas Mann, que Erico conhecera nos Estados Unidos em sua primeira viagem de 1941, de quem Caro se transformara na voz em língua portuguesa.

3 Caro nas cartas de Erico Verissimo

A correspondência de Erico para Caro, em virtude da habilidade narrativa do primeiro, cuja prosa flui com a naturalidade que se encontra em seu romance, importa não apenas como testemunho da amizade entre dois bons homens, mas também como documento para a história, não só literária, do século XX. Erico comenta eventos momentosos de seu período à testa do Departamento Cultural da União Pan-Americana, revela sua atuação na diplomacia latino-americana da década de 50 e demonstra seu papel ativo na difusão da cultura brasileira nos Estados Unidos, referindo conferências e excursões literárias realizadas, autores e obras estrangeiras ainda desconhecidos no Brasil, sempre manifestando suas opiniões e avaliações muito pessoais e desinibidas.

A correspondência é uma das formas de expressão escrita das mais espontâneas, pois, mesmo que saída da pena de um escritor, não vem cuidada e escoimada como o original de um livro. O discurso corre mais frouxo, os assuntos podem estar reunidos sem laços lógicos, apenas por justaposição, e não só o emissor se revela, mas também o destinatário fica retratado, seja pelas pressuposições, seja pelo tom e teor das respostas ou dos pedidos, o que aumenta seu valor documental. Erico, em suas cartas a Caro, escolhe os assuntos que sabe irão interessar o amigo, conta-lhe os fatos corriqueiros da vida cotidiana, conforme os lembra e não em ordem cronológica, enfatiza títulos e nomes que acredita devam ser de utilidade para Caro enquanto livreiro e melômano, e lhe traz episódios que lhe ocorreram, tanto da vida

privada, no âmbito da família e das suas viagens, quanto da vida pública, como representante do Brasil na OEA e como conferencista requisitado pelas universidades e entidades culturais.

4 Música e saudades

Logo que chega aos Estados Unidos, escreve a 3 de agosto de 1953, gabando-se do *high fidelity* que acaba de montar com os melhores aparelhos que conseguiu obter – o qual desenha no corpo da carta -, mas em seguida diz: “Nossa casa de Upsher Street já está parecida com a da Felipe de Oliveira. Todas as semanas, nas noites de sexta ou sábado, os amigos aparecem para ouvir música, conversar e beber. E já substituí as horríveis gravuras de Mr. McDermott [o locador] por quadros de Van Gogh e Renoir” (ALEV 02 a 0053-1953). A informação se destina a alguém que conhecia bem a casa e os hábitos de Porto Alegre, mas ao mesmo tempo demonstra que o emissor precisa reconstituir seu lar brasileiro no estrangeiro – um *leitmotif* de Erico, o do lar como refúgio.

A saudade do convívio com os amigos é contraditada pela vida calma nos Estados Unidos. Afirma ele em carta de 28 de setembro de 1953: “Sinto falta de nosso cafezinho das 4. Penso muito nos amigos, na minha casa, nos céus do Rio Grande, mas a verdade é que não quero voltar agora. Há muita coisa para ver por aqui. Tenho assistido a peças muito boas. [...] Os programas de concertos para o outono e inverno são promissores. Teremos as orquestras de Boston e Philadelphia, o Stern, o Heifetz, a Guiomar Novais, creio que o Arrau e, *last but not least*, o Quarteto de Budapest, que tocará na Library of Congress [...] Continuo a achar os americanos muito chatos e sem imprevisão, mas a verdade é que a vida aqui é fácil e confortável. Uma estada de dois anos vai ser muito boa para toda a família. O único problema, repito, é o meu como escritor. Se conseguir escrever a “Encruzilhada” [último capítulo de *O Arquipelago*], ou pelo menos deixá-la bem adiantada, tudo ficará perfeito.” (ALEV 02 a 0355-53). Note-se que são as oportunidades culturais que prendem Erico a Washington e que o argumento para justificar a Caro, o especialista em música clássica, seu desejo de permanecer longe dos amigos e do Brasil é a oferta desta em abundância, e de alta qualidade. Todavia, transparece a situação de ambivalência do escritor, que não consegue escrever longe da pátria, embora o estrangeiro lhe ofereça o que nela não encontra.

5 O cronista e suas opiniões políticas

No dia 3 de outubro de 1953, numa carta escrita do gabinete da Organização dos Estados Americanos, fica-se sabendo que Caro resolveu escrever para jornal: “Recebi tua carta e o terceiro artigo. Já havia gostado muito do segundo, mas achei este último ainda melhor. Creio que não te debes limitar nessas crônicas a tuas experiências de livreiro. Seria muito interessante que transmitisses aos leitores tuas experiências de leitor, falando de livros, orientando a *clientela*, e contando histórias de autores e obras”. (ALEV 02 a 0376-1953). Tratava-se das crônicas publicadas no *Correio do Povo*, sob o título “Balcão de Livraria”, que mais tarde seriam reunidas em livro. Note-se que Erico incentiva Caro a continuar escrevendo, ao elogiá-lo, e lhe sugere um caminho para não esgotar o interesse dos leitores. Como é sabido, a

formação do leitor foi uma das preocupações de Erico como autor e como editor ao tempo da Globo e ele percebe em Caro o talento de cronista que pode exercer o papel de difusor da leitura, o que acaba acontecendo, pois a coluna do ex-livreiro foi muito lida enquanto duro.

Erico parecia acreditar que Caro partilhava suas posições políticas, como dá a entender em carta de 29 de junho de 1954, ao comentar a situação da Guatemala: “[...] a questão da Guatemala tem trazido a OEA e a União em polvorosa. *Meetings* a toda a hora. Delegados pálios em cochichos pelos cantos. Acho todo esse assunto muito sério e ao mesmo tempo melancólico. Discordo da política do State Department. Essa gente jamais aprenderá. Falta-lhes tacto diplomático, *savoir faire*, experiência. Simpatizo com a causa desse pequeno país que procura sair da sua triste Idade Média. Está claro que é perigoso fazer aliança com os comunistas, mas o maior perigo não é esse e sim a formação de mais uma ditadura direitista nas Américas com o beneplácito de Washington. *Disgusting!*” (ALEV 02 a 0054-1954). Erico vê em Caro um co-irmão liberal e, com singular sagacidade política, pressente o futuro da América Latina dos anos 60, em que as ditaduras militares seriam fomentadas pelos Estados Unidos em função da Guerra Fria. Em 20 de abril de 1954, já escrevera a Caro fazendo um retrato muito curioso e rápido de Nixon: “Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon, vice-presidente. Tem o nariz do Bob Hope e uma queixada lombrosiana.” – o que parece profético.

6 Um leitor crítico

Outra faceta de Caro, revelada nas cartas, é sua capacidade de leitor crítico. Em carta de 6 de agosto de 1954, Erico prepara o espírito do amigo para a leitura de sua novela *Noite*: “De certo modo ela ilustra uma discussão que tenho tido com alguns críticos em torno da arte da novela. A coisa é assim: eu acho que se pode dar uma terceira dimensão à novela sem ser chato; isto é, pode-se fazer romance psicológico (com o perdão da má palavra) *sem deixar de contar uma boa história*. Lido com cuidado, o livro revelará uma série de intenções do autor. Estão nas entrelinhas, nos símbolos. Não sei o que acharás dessa novela, mas te asseguro que ela me satisfaz. Isto é... Bom. Reconheço que no fundo ela é pessimista, sombria. Mas lá estão, a meu ver, alguns dos problemas que ‘atucanam’ o bicho homem, principalmente o homem mais ou menos alfabetizado: um permanente, absurdo, complexo de culpa; um desajuste sexual devido a algum trauma de infância. E o grande truque da novela – devo adiantar-te – é que sendo uma coisa que devia parecer-se com um pesadelo e portanto vago, informe, indefinido, ela foi assim mesmo tratada realisticamente, o que ajuda a aumentar a sensação de desconforto e *confusão* do leitor. Bem. Tu verás.” (ALEV 02 a 0356-1954). Essa autocrítica deixa à história e à crítica literárias pelo menos a certeza de que Erico queria inovar seu estilo, torná-lo introspectivo – talvez pelo contato com o romance e o conto de Clarice Lispector, que veio a conhecer bem nessa estada em Washington – e que considerava o texto simbólico e, portanto, dotado de um fundo enigmático, destinado a desafiar seus estudiosos.

Caro, entretanto, não gostou da novela e parece tê-lo dito francamente a Erico, como se deduz desta resposta: “Em primeiro lugar quero dizer-te que *Noite* não é livro para ser *gostado*. [...] É um problema, quase um enigma. Dirás que literatura não é isso e eu estarei de acordo contigo. Não deve ser sempre isso, mas pode ser de vez em quando. Um autor tem o direito de fazer experiências. Tem até para consigo

mesmo a obrigação de explorar outros caminhos, sem pensar na freguesia certa. Não há nada pior para um novelista – do ponto de vista artístico – do que pensar na clientela. // Não creio que com esse livro eu tenha querido provar à crítica que posso fazer uma novela introvertida. [...] Aceito melhor a interpretação do Moisés [Vellinho], que me chega no recorte que me mandaste. (Thanks!) [...] Quanto à espontaneidade, direi enfaticamente que livros como *Noite* não ‘são supostos’ serem espontâneos. E digo mais, a espontaneidade não é qualidade essencial para uma obra de arte. Se me perdoas a irreverência do paralelo, direi que o quarteto 135 do velho B. não é espontâneo. É duro, trabalhado... e grande. *Fur Elise* é espontâneo mas nem por isso melhor ou mais importante do que o derradeiro quarteto do mestre. [...] Falas em cenas repelentes... Pensa bem. É uma questão de sugestão. [...] As perversões do concunda são mais sugeridas do que mostradas. E se elas te enojam é porque fazem também parte , subterraneamente, da tua noite”. (ALEV 02 a 0365-1954). A defesa ainda segue, mas estes extratos são suficientes para indicar que Caro ficara chocado com o lado noir da novela e que, além de julgá-la do ponto de vista moral, não aceitara o experimentalismo tentado por Erico. Este, porém, embora respeitando a posição do amigo, não hesita em atacá-lo para a defesa de sua criatura.

Não só da própria literatura falava Erico. Comentava também a dos outros, como em carta de 15 de julho de 1954, em que, após informar que estivera com Vianna Moog para uma conferência conflituosa da OEA, diz o seguinte, bem-humoradamente: “Está gordíssimo, come como um desesperado e eu verifiquei que ele é a mais recente descoberta ou , antes, invenção de cibernética: a gente enfia um dime em qualquer de seus orifícios, aperta na testa do homem e imediatamente ele despeja uma teoria. Confessou que não poderia viver sem teses. Escrever, não pode. E por falar nisso, seu livro *Bandeirantes e Pioneiros* está magnífico. É uma obra séria, erudita, ousada, corajosa, complexa e de leitura muito agradável. Não concordo com todas as suas conclusões, mas acho-as todas *very provocative*.”(ALEV 02 a 363-1954). Vianna Moog era conhecido de Erico desde os anos 30 e sua amizade se incrementara ao longo dos anos. Caro também o conhecia, o que justifica a brincadeira sobre as teses de Moog, mas ainda não lera o ensaio em que ele compara politicamente os brasileiros e os norte-americanos com base na visão de mundo dos dois povos, um católico e o outro protestante. De qualquer forma, Erico prepara-lhe o espírito, com essa enfiada de qualidades.

7 Ainda a música

Fora da literatura, outro assunto mais do que freqüente é a música. Além de elencar autores, peças, gravações, para notificá-las ao amigo, Erico também procurava colaborar com os músicos – e com a orquestra de sua cidade, de que tanto se orgulhava. Em carta de 10 de maio de 1954, ele apresenta Guillermo Espinosa: “O meu diretor da seção de música é um maestro colombiano que estudou com o Weingartner na Alemanha. Foi muito elogiado aqui no seu último concerto, pelos melhores críticos de Washington. E como ele vai a Buenos Aires, México, Lima e outras capitais para reger suas sinfônicas, estive pensando em que seria interessante que ele regesse a OSPA. Vou escrever ao Moisés [Vellinho] a respeito, mas gostaria que consultasses desde já o [Pablo] Komlos. A data seria... lá por outubro próximo. Quanto ao programa, ficaria à discrição do maestro Komlos. As despesas? Uma vez que o homem tem o problema das passagens resolvido, seria questão apenas da

estadia, que a prefeitura talvez estivesse disposta a pagar. Vai fazendo as tuas sondagens e mais tarde discutiremos detalhes. “(ALEV 02 a 0360-1954). Em carta posterior, Erico lamenta que as tratativas não tenham dado certo, o que indica que Caro não conseguiu articular o concerto junto aos setores interessados.

A importância da música na vida de ambos se expressa também na carta de 19 de novembro de 1959, que se abre com a informação emocionada de Erico: “Ontem recebemos, pela TV, a notícia da morte do Villa-Lobos. Fiquei muito sensibilizado. Eu não só admirava o homem como também gostava dele como pessoa. Encontramos em Paris, em junho passado, num almoço na sede da Unesco, e pela maneira como ele me recebeu, à Mafalda e a mim, eu vi o quanto ele nos estimava.”(ALEV 02 a 0467-1959). Pode-se perceber que Erico compatilha a dor da notícia com o amigo, tentando atenuar-lhe o impacto ao lembrar um momento feliz de convívio.

Herbert Caro, a todas essas, seguia escrevendo suas crônicas e Erico continuava a estimulá-lo: “Por falar em ler, diverti-me muito com o teu Balcão sobre os cronistas sociais. Eles merecem. Que cretinos! Parece até que foi uma doença que apareceu de repente em Porto Alegre. Está muito bem escrita. Toda a família leu e gostou. [...] (ALEV 02 a 0385-1955). Nessa mesma carta, Erico informa ao amigo: “Luis Fernando já toca vagos *foxes e blues* no seu saxofone. Sua coleção de *jazz* enriquece dia a dia. É um grande devorador de livros. Desde Mickey Spillane até Faulkner”.

8 Revelações sobre México e preferências cinematográficas

Em carta de 27 de setembro de 1955, Erico volta à sua literatura e dá notícias sobre os progressos da escrita de *México*: “o livro sobre o México vai marchando lentamente. Ainda não saí do período de *estudos*. Tenho nada menos de 100 páginas só de notas. Não vou fazer um livro erudito, que esse não é o meu gênero. Mas estou muito velho para cair nessas levandades tão à feição da nossa gente, que cita errado, não trata de confirmar suas observações de turista. Tenho lido muito sobre a psicanálise do mexicano, seu mito e magia, sua história, geografia, geologia, etc. Claro que a intenção do livro é poética, pictórica, humana. Mas sem notas seria impossível escrever uma coisa decente. Exemplo: noto que na paisagem mexicana que percorri faltavam duas coisas: água e sorrisos. Isso é uma impressão, vamos dizer... artística. Preciso encontrar a explicação ou, antes, a confirmação dessa impressão. E ninguém pode compreender a história do México sem estudar a história da terra, do torrão mexicano, pois toda ela se revolve em torno da posse da gleba, e assim por diante.”(ALEV 02 a 0358-1955). Observe-se o quanto ele salienta a necessidade de estudar o país para escrever a narrativa de sua viagem. A impressão que se tem é que ele sente a necessidade de justificar uma mudança de orientação a Caro, que já reclamara antes da falta de espontaneidade de *Noite*.

Também de cinema Erico fala ao amigo igualmente cinéfilo. Por exemplo, em carta de 24 de fevereiro de 1956, comenta o seguinte: “Vi uma fita que me abafou por completo – THE PRISONER, com Alec Guinness. Baseada no caso do cardeal Midzinski (*how do you spell it?*). Um *script* que é um prodígio. Filme adulto. Hollywood glorificaria o cardeal, fazendo dele um mártir e um santo. Mas a verdade é que ele no filme é um homem, com defeitos, com complexos e sem nenhum heroísmo fácil. Não deve perder esse filme. – Os indicados para o Oscar, este ano, a não ser THE ROSE TATTOO, que deve ser bom, são medíocres: PICNIC, LOVE IS A MANY SPLENDORED THING, LOVE ME OR LEAVE ME. Uma

desolação!”(ALEV 02 a 0475-1956). Veja-se que Erico tem opiniões muito restritivas sobre o cinema hollywoodiano, em comparação com o europeu, algo que se perpetua até hoje entre os críticos cinematográficos. A entusiástica recomendação indicia que Caro, outro apaixonado por cinema, compartilharia do prazer que o filme lhe causara.

9 Confidências afetivas

Erico não se poupa de partilhar com Caro as coisas boas que lhe acontecem. Em carta de 16 de março de 1956, revela-lhe: “Quero te contar uma coisa linda que me aconteceu ontem. Como sabes, o Dr. Winter, de O TEMPO E O VENTO, é natural de Eberbach. Pois recebi uma carta do *Burgermeister* dessa cidade agradecendo-me por ter escolhido o seu *Bürger* para berço do dr. Winter e mandando-me de presente várias aquarela originais com vistas da cidadezinha. Não achas uma coisa fantástica? Mando-te aqui cópia da carta. Se achares interessante, traduz para o *Correio*. Eu fiquei comovido. E as aquarelas são primorosas! Estou respondendo ao burgomestre. Não me lembro como foi que escolhi essa cidade. Creio quem ela estava numa pequena lista que alguém me deu. Acho que foste tu mesmo!”(ALEV 02 a 0084-1956). É notável não apenas a alegria do escritor ante a homenagem longínqua que recebe, mas o processo de rememoração em trânsito na própria escrita da carta que culmina com uma outra homenagem de reconhecimento ao amigo que o auxiliara e, portanto, fazia jus a iguais honras.

Em 11 de junho de 1956, tem-se uma carta em que o modo contido, mas muito afetivo, como Erico se movimentava na esfera privada é manifestado. Erico nela dá a notícia do noivado de Clarissa: “[...] quero dar-te uma notícia importante. Clarissa vai casar com um americano. O que eu temia aconteceu. Trata-se duma amizade que ‘degenerou’ em amor. Eram companheiros de teatro. A princípio fiquei chocado. A idéia de me separar da minha filha não me era nem me é ainda agradável. Depois fiquei triste e mais tarde resignado. Agora começo a encarar o problema, ou, melhor, a situação com uma serena alegria. O que tem de ser tem de ser. Afinal de contas, para ser bem honesto, nunca acreditei que Clarissa pudesse adaptar-se de novo à vida de Porto Alegre. Naturalmente já se começa a fazer teatro por aí. Mas que me dizes das intriguinhas, da maledicência, das limitações que toda a mulher sofre no Brasil? A pobre menina tinha e tem a desvantagem de ser minha filha, o que a colocaria *on the spot* permanentemente. Voltaremos todos em setembro, e em dezembro o ‘noivo’ irá até aí para casar-se. Chama-se Dave Jaffe, é patricio, de Brooklyn, , 27 anos, físico, não é *glamour boy*, usa óculos, tem um ar de rapaz estudioso e parece boa praça. *And that’s that*. “(ALEV 02 1 0330-1956). Essa confissão tão aberta dos sentimentos de perda de um pai em relação à emancipação da filha demonstram o quanto Erico prezava Herbert Caro, pois não era homem de manifestar seus conflitos, especialmente suas dores, salvo aos muito íntimos.

10 De um liberal para outro

Por outro lado, um dos exemplos interessantes concernentes à visão da esfera pública de Erico aparece na carta de 29 de setembro de 1959, quando ainda está nos Estados Unidos, após sua primeira viagem à Europa e a Portugal. Ele se detém a

retratar para Caro o líder soviético Krushchev: “Novidades! A visita de Krushchev, que foi um espetáculo. O homem é realmente um tipo de político que não se conhece por aqui. Um primário esportíssimo, com o instinto do político, a sabedoria do camponês e uma obstinação muar. Tem *sense of humour*, sabe dar uma boa risada e no momento seguinte fechar a cara e começar a falar duro, não sei se por temperamento ou por cálculo. O homem veio e fez vários discursos de propaganda comunista. Deves ter acompanhado a coisa toda aí pelos jornais. Mr. K. tem muitos *good points*, em meio de muita falácia. Eu não lhe perdôo a matança na Hungria, isso para não falar nas da Rússia através dos muitos anos em que ele foi um dos *Stalin boys*.”(ALEV 02 a 0464-1959). Aqui ficam patenteados a argúcia política e a isenção ideológica do escritor. Ele observa num *flash* a hábil atuação política de Krushchev nos Estados Unidos, início do degelo da Guerra Fria, mas não deixa de inculpá-lo pelas medidas desumanas que traz em seu passado. Ao preocupar-se em oferecer a Caro suas impressões de um político do porte de Krushchev, Erico implicitamente o coloca em pé de igualdade ideológica consigo. Caro seria, pois, ao lado de Erico, outro combatente nas hostes da liberdade e do respeito aos direitos humanos.

As cartas de Erico proporcionam, como se pode constatar, informações preciosas sobre figuras nacionais e mundiais da arte e da política, sem auto-censura -- salvo a das habilidades narrativas do autor. Traçam, pelo teor das respostas, um retrato de Herbert Caro como amigo respeitado, parceiro no amor aos livros e à música, capaz de rir da tolice humana, de indignar-se ante a opressão, e claro simpatizante do liberalismo no velho sentido inglês do termo. Celebram seu destinatário como um homem honesto consigo mesmo e com o outro, de gosto refinado e de expressiva atuação da vida literária e cultural do Sul.

Conhecendo Herbert Caro

Gerson Roberto Neumann

Herbert Caro has been known for his translations and musical knowledge. This article focuses on his musical conception in his articles: “Romance de Capa sem Espada”, published in 1977, and the literary aspect in “A mãe brasileira de Thomas Mann” from 1976.

Keywords: Herbert M. Caro; Júlia Mann; music;

Conhecendo Herbert Moritz Caro

Como novo morador da capital gaúcha dos anos 2000, uma Porto Alegre moderna em constante crescimento, procuro por interlocutores de um modo geral para criar minha identificação com a capital gaúcha que tomei a partir de agora como residência para a minha atividade profissional. Como professor de Língua Alemã e Literaturas Brasileira e Alemã, procuro também referências e identificações ideológicas para estruturar o meu grupo de reflexão e discussão de problemas do nosso dia-a-dia, em Porto Alegre, no nosso meio e, claro, no mundo.

Numa das minhas andanças e procuras culturais por Porto Alegre deparei-me com um tal Herbert Moritz Caro, um berlinense gaúcho que, depois fui saber, muito contribuiu para o crescimento cultural da nossa cidade. Sim, quem está envolvido com a produção cultural de Porto Alegre e, principalmente, quem se interessa pelos acontecimentos culturais relacionados ao contexto brasileiro-alemão certamente conheceu o senhor Caro. A obra de Caro está aqui, acessível a todos nós e sua forma de fazer cultura também está aqui entre nós. Como tardio conhecedor de Caro concluo que a obra de Herbert Caro é importante e merece ser vista e revista devido à sua atualidade. Deixei-me envolver por sua obra e encontrei muito material, sendo suas reflexões, geralmente bastante críticas e muitas vezes até duras, apesar do tom de brincadeira, um toque reconhecidamente de Caro.

Na minha procura pelo mundo de Herbert Moritz Caro li o que pessoas ligadas a ele escreveram, comemorando o trabalho dessa pessoa tão ativa e dedicada à cultura. Li testemunhos de pessoas que apontaram, há uma década, aspectos relevantes da atividade de Caro, da mesma forma como eu o faço agora. Já a partir disso pode-se constatar sua atualidade e por isso a importância de mais um encontro, comemorando agora o centenário do nascimento desse ilustre porto-alegrense alemão, para pensar e repensar a obra dessa importante referência no contexto cultural da capital gaúcha.¹ Procurei também a obra de Herbert Caro, conhecido pela sua exemplar tradução de Thomas Mann, de John Steinbeck, de Emil Ludwig, de Elias Canetti, entre outros.² Grande foi minha surpresa, porém, ao constatar o número de referências a Herbert Caro no *Caderno de Sábado*, do jornal Correio do Povo. Juntamente com Mário Quintana, Guilhermino César, Clarice Lispector e muitas outras importantes referências culturais desse interessante suplemento, que para a minha infelicidade não existe mais, Herbert Caro figura entre os mais

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: gerson.neumann@gmail.com

assíduos colaboradores desse veículo de discussão cultural. Seu espaço para comentar as novidades do mundo musical, principalmente da clássica, era cativo e Caro certamente trouxe muitas informações “quentes” para os interessados pelas novidades musicais na época. Já no primeiro número do *Caderno de Sábado*, de 30 de setembro de 1967 a 30 de março de 1968, Caro contribuiu com nove artigos. No segundo número já tem 24 contribuições sobre as novidades musicais. Suas colaborações mantinham uma certa média, sendo o número de artigos nos cadernos pares geralmente acima de 20 e nos ímpares em torno dos 15. Pelos meus cálculos, Herbert Caro contribuiu, de 1967 a 1981 (ano do primeiro e do último número, respectivamente), com mais de 400 artigos, sendo praticamente todos sobre as novidades do mundo musical. Trata-se de uma farta e rica contribuição, que certamente mereceria um estudo mais aprofundado.

Caro, porém, não escreveu somente artigos sobre música, ele também trabalhou como tradutor, como já mencionado acima, pertencendo à famosa *Sala de Tradutores*, invejável iniciativa da antiga Editora Globo de reunir numa sala “de confinamento” os tradutores, que ali se preocupavam única e exclusivamente com a tradução de importantes obras da literatura universal. Herbert Caro foi convidado por Henrique Bertaso e Erico Veríssimo para a atividade de tradutor na *Sala*, função que desenvolveria durante toda a sua vida de intelectual preocupado em trazer mais cultura para os brasileiros, tornando-a, assim, acessível também na sua nova língua, o Português. Ao final seriam trinta e uma importantes obras traduzidas. O próprio Caro produziu um artigo sobre a arte de traduzir, intitulado “Traduzir é conviver”, no qual discute os problemas que o tradutor enfrenta nesse árduo trabalho que pode ser prazeroso, pois, segundo Caro, citando um dos mais importantes escritores brasileiros, Guimarães Rosa, “traduzir é conviver”.³

Das minhas pesquisas sobre a obra de Herbert Caro resultaram muitos aspectos que mereceria uma dedicação mais pormenorizada, um diálogo com esse autor que sempre tentou travar um contato com o interessado por uma cultura literária e também geral.

A seguir, pretendo desenvolver dois aspectos que me chamaram a atenção nessa busca pela produção de Caro. Como muitos já escreveram e outros testemunharam, Caro sabia exatamente onde se encontrava determinado livro nas suas bibliotecas e, além disso, sabia indicar muito bem uma boa leitura a uma pessoa que a procurava.

Nas minhas buscas para melhor conhecer essa ilustre figura do contexto cultural porto-alegrense, deparei-me com um vasto material referente às novidades musicais, como já afirmei acima. Dentre os muitos artigos de Caro, chamaram-me a atenção dois: “A mãe brasileira de Thomas Mann” e “Romance de Capa Sem Espada”. Ambos são da década de setenta e são mais extensos que os usuais artigos relativos às novidades no mundo musical.

“A mãe brasileira de Thomas Mann” foi publicado no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo*, no número 24 do ano de 1976. O artigo é o central do número, de modo que, ao se abrir o jornal ao meio, tem-se o artigo à disposição para sua leitura. Pode-se concluir a partir disso que o artigo recebeu considerável atenção. O mesmo texto foi publicado também no *Caderno Porto & Virgula*, número 9, tendo sido extraído para tal do espólio do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Nesse caderno, o artigo encontra-se da página 79 à 87.

Já o artigo “Romance de Capa Sem Espada” foi publicado em 6 de agosto de 1977, no número 6 do mesmo jornal acima citado. Trata-se de um artigo sobre música. O autor abandonou, porém, a sua apresentação usual de novidades musicais

e dedicou esse número para um desabafo em relação ao uso descontrolado por parte da mídia de recursos “glamourosos” para alcançar o consumidor. Diferentemente do artigo histórico sobre Júlia Mann, a futura mãe dos Mann, esse artigo trata de uma temática muito atual, que é o bombardeio desenfreado da publicidade sobre nós, pobres consumidores.

O primeiro artigo de Herbert Caro parece, até certo ponto, o resultado de um compromisso do tradutor de Thomas Mann para a língua portuguesa para com o seu leitor brasileiro, pois, segundo o próprio autor no artigo, muitas pessoas, sabendo do seu empreendimento da tradução, interpelavam-no, “perguntando se [...] sabia que a mãe de Thomas Mann era brasileira.” Apesar de o título fazer referência somente a Thomas Mann, com certeza o mais famoso dos filhos de Júlia Mann, cuja foto encontramos na primeira parte do texto, o autor relata sobre todos os irmãos e cita até mais partes de obras, principalmente biográficas, de Victor e Heinrich Mann.⁴

Herbert Caro afirma nesse artigo não ter tido até então conhecimento desse relevante especto autobiográfico em relação ao grande autor alemão e busca, a partir de então, na obra do mesmo referências que evidenciassem fundos autobiográficos de Thomas Mann e de sua família. Conforme o artigo, Caro identifica muitos aspectos que trazem referências biográficas de Thomas Mann na sua obra e uma refere-se à mãe. Caro cita a menção que é feita à mãe de Tonio Kröger:

A mãe de Tônio Kröger, herói de um dos seus contos mais famosos, e o qual é uma espécie de irmão espiritual de Hanno, é descrita como ‘uma fogaosa morena, de nome Consuelo, que tocava maravilhosamente bem o piano e o bandolim’. Era diferente de todas as demais senhoras da cidade, porque o pai fora buscá-la ‘lá longe, na parte mais baixa do mapa mundi’.⁵

No artigo, Caro narra toda a história de vida de Júlia Mann, desde o momento em que o futuro pai dela (Johann Ludwig Hermann Bruhns), um alemão que se fixou nas proximidades da Ilha Grande, no sul do estado do Rio de Janeiro, conheceu a futura mãe de Júlia – Maria da Silva. Depois buscou referências ao nascimento de Júlia, a filha mais velha do casal, assim como da chegada das crianças com o pai e a escrava Ana a Lübeck por volta de 1859, para ficarem em companhia da avó paterna, uma vez que a mãe de Júlia morreria com o nascimento da quinta criança. Os filhos seriam educados na Europa. Depois disso, Júlia não voltou mais para o Brasil, mas transmitiu muitas histórias da sua infância, com animais e frutas diferentes, com passeios à beira do mar, com escravos, com serpentes, etc. para os seus filhos, que por sua vez passaram essas fantasias para as suas obras, às quais o pesquisador Herbert Caro recorreu para trazer a seu público uma aprofundada pesquisa sobre a mãe dos Mann.

O autor descreve de forma realmente bastante completa a vida de Júlia Mann, desde o contato do alemão (seu futuro marido) com a brasileira (apesar do pai alemão) até a sua morte no sul da Alemanha, identificando a cidade – Wessling – onde se encontra a sua sepultura, juntamente com a de sua filha Clara, que se suicidara. O autor realiza uma busca pormenorizada de possíveis referências deixadas pelos filhos artistas nas suas obras desse segundo contato brasileiro-alemão, nesse caso em solo europeu. Caro parece saborear a pesquisa que realmente deve tê-lo interessado muito, visto que não conhecia maiores detalhes dessa parte da biografia de seu mais famoso traduzido. Isso percebe-se na seguinte afirmação no

seu texto: “A cena da chegada da família brasileira à cidade hanseática, tal como a descreve Victor Mann, é ‘saborosíssima’”⁶

Já no artigo “Romance de Capa Sem Espada”, Caro discute as mudanças negativas que são causadas pela publicidade com o intuito de alcançar de todas as formas o consumidor. O cidadão Caro está preocupado em preservar os valores que julga bons para a sociedade e para o seu contexto e nisso muitas vezes interpreta como negativas algumas realizações que fazem parte do processo de desenvolvimento ou do crescimento, por exemplo, de uma cidade.

Na verdade, temos aí um saudosista das coisas boas. Claro, sempre buscamos os aspectos positivos no nosso passado, que para a nossa infelicidade não existem mais. Muitas vezes, porém, as críticas ao novo são coerentes e muito corretas, uma vez que questionam espaços públicos perdidos numa cidade – Porto Alegre – que cresce. Não teria sido possível fazê-lo de forma diferente? Pergunto-me depois de ler o texto “Um ônibus chamado saudade”⁷, de Caro. Assim, acompanho-o no ônibus *T* que sai do Mercado Público, passando pela Igreja de Nossa Senhora das Dores, pelo Viaduto dos Açorianos, passando pela Voluntários para chegar novamente ao ponto inicial e fico triste ao constatar que a cidade não ganhou em beleza, para não dizê-lo diferente. Em outro texto de crítica bem-humorado, Herbert Caro lastima o enfeamento da sua cidade. A começar pelo título, “Mistério da pichologia”, o autor brinca com as palavras de modo que é preciso lê-lo muito atentamente para não se correr o risco de iniciar a leitura incorretamente. Também nesse texto, o autor busca nos aspectos históricos informações para mostrar que a pichação já está presente na humanidade desde a época de Cristo, quando “Belsazar, rei da Babilônia, para impressionar seus cortesãos e suas concubinas, proferiu blasfêmias contra Deus.”⁸ Depois Caro transporta o leitor a Pompéia, cidade ao sul da Itália coberta pelas lavas do vulcão Vesúvio no ano de 79 d. C., onde foram descobertas pichações (e não pinturas artísticas, que lá também existiam) nos muros, depois de recentes escavações arqueológicas. Ao final, o autor chega a Porto Alegre, onde as pichações tomam conta nos anos setenta. Finalizando o seu texto, Caro brinca com o enunciado da seguinte pichação: “Pelo amor, vote nas flores!” Na época, essa pichação se encontrava na Rua Jerônimo de Ornellas e o autor, em tom de brincadeira, promete seu voto a esse possível *punk*, pela pichação pelo menos simpática, isso se houver eleições diretas, aproveita para comentar o momento histórico.

Nesse mesmo tom, Caro aborda o problema do turbilhão publicitário. Devo apontar aqui, antes de mais nada, que ele hoje escreveria um artigo muito mais agressivo, e possivelmente sem tom de brincadeira, pois temos que nos defender de todas as formas dos ataques publicitários, sendo que atualmente não basta a nossa própria defesa, precisamos também defender os mais desinformados, alvos fáceis desses ataques. Chegamos a tal ponto que já são elaboradas até leis, proibindo determinadas formas de publicidade. Nesse aspecto já temos algo a comemorar. Por outro lado, porém, é lastimável que se tenha chegado a esse ponto, visto que toda forma de proibição contém sempre o ato de cercar.

Assim como muitos de sua geração, Caro pertenceu àqueles que não descartavam as coisas quando elas apresentavam algum problema. Tentavam, primeiro, recuperá-la e, não havendo outra possibilidade, procurava-se algo novo, o que muitas vezes significava uma dura tarefa. Assim, o autor relata que usou durante 50 longos anos o seu primeiro aparelho de barbear e se desfez dele somente “porque o troço se desmanchou, sem possibilidade de conserto.”⁹ O autor, como do seu feitio, no intuito de informar o seu leitor do contexto histórico que cerca o seu artigo, traça um

panorama sócio-histórico da publicidade no Brasil. Ele lembra que em outros tempos, não muito distantes, a propaganda limitava-se a “bradar ininterruptamente uma única palavra de apenas duas letras, a palavrinha ‘só.’”¹⁰ Depois a propaganda brasileira evoluiu para textos maiores, de teor literário rebuscado, mas que para a propaganda em si não trouxeram grandes benefícios, pois liam-nos somente aqueles que dispunham de tempo. E esses eram poucos. Também lembra Caro das nossas conhecidas folhinhas que o carteiro deixava na caixa do correio. Segundo ele, eram tantas que dava para forrar as paredes do seu apartamento.

O crítico também faz alusão à Literatura nesse texto quando o intitula “Romance de Capa Sem Espada”, ou seja, temos que saber escolher os nossos livros, pois muitos possuem lindas capas, mas no interior não encontramos o que procuramos realmente. Conforme o autor, os primeiros a usarem do artifício das capas mais chamativas que os interiores foram os editores dos livros de bolso americanos. Arrisco-me a dizer que atualmente estamos vivendo uma volta à simplicidade nas capas de livros e que já aprendemos muito bem – às vezes de forma dolorosa – que as capas geralmente não dizem muito. Obviamente que uma bela capa num bom livro torna-o ainda melhor e, por isso, elogios aos editores e autores que conseguem realizar esse trabalho.

* * *

Ao final dessa breve análise dos dois artigos de Herbert Moritz Caro, publicados no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo*, publicados entre tantos artigos sobre as novidades musicais, fico feliz por ter tido a felicidade de descobrir tais textos que nos mostram um pouco mais do lado literário dessa importante referência cultural de Porto Alegre. Os dois textos dialogam, obviamente, com os seus outros textos de crítica publicados inicialmente em semanários e depois reunidos em forma de livro.

Satisfaz-me também o fato de ter conhecido mais da história de Herbert Caro, desde a sua saída de Berlim, da passagem pela França até a sua chegada em Porto Alegre. Além disso, é muito interessante refletir mais demoradamente sobre as dificuldades que enfrentam imigrantes nos anos iniciais num país estranho do seu. Num país como o Brasil, tão multiculturalmente construído, certamente há muitas outras pessoas como Herbert Caro que merecem uma atenção especial. Por outro lado, é muito interessante observarmos a forma como essas pessoas, geralmente carentes por um engajamento, se dedicam de uma forma diferente no novo contexto. Muitas vezes iniciam suas atividades de forma modesta, mas logo são descobertas por pessoas atentas às atividades de lideranças que somente necessitam de um espaço para alcançarem êxito nos seus empreendimentos. Herbert Caro é aí um exemplo perfeito, pois basta observarmos a sua trajetória cultural em Porto Alegre e já temos motivos para lhe prestar homenagens.

Conhecendo Herbert Caro e sua vida, redescobri a cidade de Porto Alegre, a bela cidade que precisa da nossa atenção e que precisa de pessoas críticas, que digam as coisas que geralmente ninguém gosta de ouvir, mas que são de extrema importância para o seu crescimento, pois são as verdades. Conhecendo Herbert Caro, passei por uma Porto Alegre distante, mas que agora é minha cidade e que procurarei cantar e contar. Também voltei bela Berlim e nela vi a história recontada por mais outro prisma, o da emigração de um advogado judeu de vasta bagagem cultural.

Reafirmo, finalmente, conhecendo melhor Herbert Caro, que a importância do trabalho por uma causa com dedicação e amor vale a pena. Temos, para tal, um exemplo de grande valor em Herbert Caro. Devemos, portanto, preservar e manter viva a história de pessoas como Caro para sempre podermos refletir e repensar a partir desses exemplos possibilidades para melhorarmos a nossa sociedade.

Notas

¹ Refiro-me aqui à caderno número 9 dos Cadernos Porto & Vírgula, comemorando a obra de Herbert Caro.

² Regina Silberman traz a relação completa das obras traduzidas por Caro. Ver Silberman, Regina. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 28.

³ Ver Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 75-78.

⁴ Ver Caro, Herbert. In: Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo, n. 24/1976, s.p.; Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 79.

⁵ Idem, 1976, s.p.; 1995, p. 81.

⁶ Idem, 1976, s.p.; 1995, p. 84. O grifo é meu.

⁷ Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 95-98.

⁸ Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 103-105.

⁹ Ver Caro, Herbert. In: Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo, n. 6/1977.

¹⁰ Idem.

Herbert Caro ou o tradutor como lenda

Michael Korfmann

Fifteen years after his death in 1991 one can trace a certain tendency to turn the person and personality of Herbert Caro into a legendary figure where his work as a recognized translator mingles with episodes related to his passion for music as well as his specific kind of humour. It is therefore of no surprise that Caro himself turned into a literary character of the novel *As Confissões de Lúcio* by Brazilian writer Fernando Monteiro.

Keywords: Herbert M. Caro; legend; Fernando Monteiro;

O trabalho de tradução de Herbert Caro é devidamente reconhecido e já foi tema de diversos artigos. O reconhecimento pelo seu trabalho, bem como sua contribuição para a difusão da cultura alemã no Brasil, também se expressa em prêmios e distinções como: a *Cruz da Ordem do Mérito*, a Primeira Classe (recebida em 1974, em Bonn), o prêmio da *Associação Paulista de Críticos de Arte* (1983), o *Prêmio Nacional de Tradução do INL* (Instituto Nacional do Livro), em 1985 e um ano mais tarde recebeu o título de *Cidadão Emérito* de Porto Alegre.

Como em todo trabalho tradutório, caracterizado pelos teóricos mais radicais como “traduzir é traír”, há, evidentemente, também críticas esporádicas a certas decisões tomadas na difícil tarefa de achar uma forma lingüística adequada, já que a tradução, conforme o próprio Caro “não é literatura pelo avesso” (apud CANDELERO, 1995, p. 76) e, assim, não corre sempre “numa estrada paralela a do original” (p. 76). Conseqüentemente, o resultado dá margem a soluções variadas, já que os idiomas nem sempre (ou raramente) coincidem; a intenção do autor do original é inatingível, e o tradutor não consegue evitar se colocar na tradução para garantir um traslado textual que flui sem se afastar essencialmente da fonte. Marcus Mazzari, por exemplo, ao analisar criticamente as traduções que Herbert Caro fez de livros de Thomas Mann como *Os Buddenbrooks*, *A Montanha Mágica*, *Carlota em Weimar*, *As Cabeças Trocadas* e *Doutor Fausto*, constatou que Caro enfrenta o desafio com uma soberania e liberdade que lhe facultam desviar-se, por vezes, da estrutura lingüística, ou mesmo do significado de uma frase isolada, sem, contudo, jamais transgredir o sentido mais profundo da obra. “O leitor brasileiro do *Doutor Fausto* tem assim em mãos um texto plenamente confiável” (2000, p. 1). Mas também comenta criticamente certas decisões textuais: chega à conclusão que em algumas passagens o tradutor preocupa-se em buscar sinônimos para termos que não variam no original; assim, “o mesmo substantivo “Kälte”, frieza, e o adjetivo “kalt”, frio, tão essenciais na história de Adrian, aparecem às vezes, desnecessariamente, como “frígidez” ou “frígido”. Mazzari considera primorosa a tradução do capítulo 25, em que um Diabo proteiforme discorre sobre o pacto e a doença doadora de

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: michael.korfmann@ufrgs.br

genialidade, sobre a precária situação da música no século 20 e a realidade indescritível da “espelunca” infernal: “Meu prezado amigo, convém, portanto, que se contente com *symbolis*, quem quiser falar do Inferno”. No entanto, acha que o texto em português fica muito aquém do substrato arcaico do original. “Uma pesquisa filológica mais aprofundada poderia ter fornecido ao tradutor um repertório mais amplo de arcaísmos portugueses” (p. 2). Mazzari conclui sua avaliação dizendo que estas soluções menos felizes não empanam o reconhecimento que devemos a esta tradução “que soube captar com maestria o tom, o ritmo, a perspectiva que moldaram o original” (p.2). Conforme o crítico, Caro revela igualmente domínio íntimo dos vários assuntos e temas tratados no romance, em primeiro lugar a teoria musical. Cita como exemplo a descrição, no penúltimo capítulo, de “A Lamentação do Doutor Fausto”, da nota final que por longo tempo permanece vibrando na alma, suspensa no silêncio “como uma luz na noite”: “O sol agudo de um violoncelo, a última palavra, o derradeiro som que plana no ar e se extingue, lentamente sumindo numa fermata em pianíssimo”. Em alemão, “sol agudo” é a nota “g” (“das hohe g”), inicial da palavra “Gnade” (graça) a que Mann quis aludir para conferir um acorde de esperança à sombria história de Leverkühn (e da Alemanha hitlerista). “Se a tradução renuncia a tal alusão, o sentido do original fica plenamente preservado com esse ‘sol’, que não só corresponde ao ‘g’ da antiga nota musical, mas também à sugestão de luz que se levanta no final do romance” (p. 2).

Citamos estes trechos para mostrar como as discussões e reflexões fazem parte do ofício e das divergências usuais das respectivas áreas comunicativas, confirmando, antes de tudo, os impulsos estimuladores exercidos pelo trabalho de Caro.

Mas como todos nós sabemos, o trabalho de Herbert Caro não foi apenas significativo no campo da tradução, mas se estendeu à música erudita, as artes plásticas e a crônica jornalística. Assim, a figura de Caro não se restringe apenas a de um tradutor “invisível”, atrás dos grandes nomes da literatura alemã, mas tornou-se uma figura pública relevante e referenciada. Se no livro-homenagem publicado em 1995, quatro anos posterior ao seu falecimento (em 1991), e 60 anos depois de sua chegada a capital gaúcha, encontram-se artigos e depoimentos de muitas pessoas, amigos ou contemporâneos de Herbert Caro, quinze anos mais tarde a sua morte já é possível encontrar certos traços lendários em torno de sua figura. Isso é plausível ou até resultado consequente das circunstâncias históricas: não se pode abstrair seu trabalho de tradutor de sua função como referência cultural, representante de uma cultura humanista-tradicional alemã, que de certa forma se aproxima à posição do próprio Thomas Mann.

Referente à relação entre o texto/escritor e o tradutor, Paulo Henriques Britto declara: “[...] continuo achando que a minha meta, ao traduzir um texto literário, não pode ser outra que não tentar reproduzir no meu idioma, dentro das minhas possibilidades, os efeitos textuais do original. Ou seja: continuo querendo ser transparente, ainda que não tenha ilusões sobre a possibilidade de uma transparência absoluta. Um exemplo de teórico cujas posições me parecem sensatas é a do australiano (radicado na Espanha) Anthony Pym. Respondendo a alguns teóricos contemporâneos, os quais não vêem nenhuma diferença essencial entre escrever e traduzir, e que acham importante o tradutor deixar uma marca sua explícita no seu trabalho, Pym responde que se o tradutor quer que sua voz seja ouvida de modo explícito, então que escreva uma introdução, um posfácio, notas de rodapé — ou, melhor ainda, que publique um artigo ou um livro. Quando leio Thomas Mann traduzido para o português por Herbert Caro, é porque quero ler Mann e não sei

alemão, e não porque quero ler Herbert Caro.” (1996, p.2). Se, do ponto de vista meramente tradutório, isso representa uma posição aceitável e, imagino, compartilhada pelo próprio Caro, é preciso levar em conta que, devido às circunstâncias históricas como exilado judeu alemão, a figura de Herbert Caro é inserida numa dimensão cultural mais ampla e com isso, o aspecto biográfico ganha em importância. Lembramos aqui que a discussão sobre a importância do aspecto biográfico, em relação à produção criativa, foi um tema polêmico neste ano, surgida com a recente publicação do livro *Breve História da Literatura Alemã de 1945 até hoje*, de Volker Weidermann. Em 330 páginas, o crítico trata de seis décadas de história literária alemã, dando ênfase especial a aspectos biográficos, em detrimento de uma análise do contexto e do tratamento da linguagem nas obras. A história literária de Weidermann parece se embasar, em grande parte, no contato estabelecido por ele, redator-chefe do suplemento cultural do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, com os escritores que conheceu em sua atividade. Weidermann explicita suas intenções da seguinte maneira: “Final, o que sempre me interessou ao ler livros foram questões como: que tipo de pessoa é essa? Quem é esse que está escrevendo, e que história está por trás disso? E quase cada uma das 130 histórias de vida que escrevi para este livro é trágica. É a história de uma carência, de uma fúria, de uma invalidez, de uma necessidade existencial que levou o autor a escrever e que forma o pano de fundo de todos os grandes livros necessários, verdadeiros e passionais desta época.” (2006, p.4). Acho que da mesma forma, a história pessoal de Herbert Caro torna-se inseparavelmente ligada as suas atividades tradutórias, culturais e jornalísticas no exílio brasileiro, insistindo na tradição clássica da cultura alemã mesmo em circunstâncias tão desfavoráveis. Neste contexto, lembramos aqui ainda o fato de que Caro dirigiu durante quase duas décadas a biblioteca do *Instituto Goethe*, suas palestras apoiadas pelo uso de um epidíscopio, bem como conferências no exterior sobre pintores do Brasil colonial.

O mesmo engajamento pela tradição cultural alemã pode ser visto também na tradutora, com background similar a de Caro, Ilse Losa (1913-2005), nascida perto de Osnabrueck, Alemanha. Ilse fugiu em 1934 da perseguição nazista aos judeus para a cidade de Porto, Portugal, onde casou em 1935 com o arquiteto Armênio Losa, assumindo a nacionalidade portuguesa. Publicou em 1949 seu livro *O Mundo em que eu vivi*, em 1952 *Rio sem Ponte* e em 1962 *Sob Céus Estranhos*. Além de escrever seus próprios romances, contos, ensaios e livros infantis, Ilse verteu as obras de muitos autores portugueses para o alemão, organizou antologias para editoras da Alemanha Oriental e traduziu autores alemães para o português, entre outros Bertolt Brecht, Thomas Mann, Max Frisch, Anna Seghers, Erich Kästner, bem como o diário da Anne Frank, tornando-se assim uma intermediadora cultural importante entre os dois países. Ilse Losa ganhou diversos prêmios importantes em Portugal, mas nunca teve uma recepção adequada em seu país de origem.

Quinze anos após seu falecimento, Herbert Caro, freqüentemente caracterizado como um alemão de aparência severa e rígida, de difícil trato, mas de um humor velado e surpreendente, começa a figurar, além de um tradutor, também como uma personalidade cult. Neste processo, seu trabalho, sobretudo como tradutor de Thomas Mann, mistura-se com traços biográficos, anedotas e histórias em torno de suas atividades no *Correio do Povo*, suas visitas regulares a uma loja de discos eruditos de Porto Alegre, sempre realizadas aos sábados pela manhã e as discussões sobre música com outros freqüentadores. É preciso lembrar ainda sua amizade com o escritor Rideamus, ou Fritz Oliven, um dos mais famosos escritores de textos

humorísticos e libretista destacado no início do século XX. Caro e Rideamus moravam no mesmo edifício na Joachimsthalerstr. número 11, em Berlim. Fugiu da perseguição nazista e fixou residência em 1939, em Porto Alegre, onde já se encontrava Herbert Caro, e onde veio a falecer no ano de 1956. Foi aqui que escreveu, no final dos anos 40, sua “autobiografia” *Rideamus – a história de uma vida alegre contada por ele próprio*, um texto no espírito programático do escritor, Rideamus ou “Vamos rir” em português, no qual elementos verídicos e ficcionais, momentos alegres e outros um pouco melancólicos se misturam. O livro foi publicado em 1951 pela editora *Füllhorn* de Berlim, sendo posteriormente reeditado pela editora *Goldmann* como livro de bolso.

E há, nos traços biográficos de Herbert Caro, uma série de aspectos que favorecem a formação de uma figura cult: de um lado, representa muitos aspectos de uma formação cultural alemã clássica e tradicional. O fato de Herbert Caro ter sido advogado, o coloca numa linha representada por diversos escritores com formação jurídica como o já citado Rideamus, e nomes como Matthias Claudius, Goethe, Novalis, os irmãos Grimm, Heinrich Heine, Franz Kafka, Adalbert Stifter, Franz Wedekind, Peter Handke ou Bernhard Schlink, para citar apenas os autores mais expressivos. Há evidentemente muita especulação sobre este fato curioso. Diz a lenda que a criatividade artística nasce do sofrimento causado pela advocacia e o escritor e diplomata francês Jean Giraudoux ironiza: “Nunca um poeta interpretou a natureza tão livremente como um jurista, a realidade”. Certamente a convicção (justa) que a formação jurídica poderia garantir um sustento financeiro deve ter contribuído para este fenômeno, sobretudo no século XIX, além do fato de que ambos se ocupam com a realidade através do medium da linguagem: o direito “serve para a condução de processos sociais, a literatura os reflete”, conforme as palavras de Bodo Pieroth da Universidade de Muenster, Alemanha.

Mas neste processo da formatação de uma figura referenciada evidentemente não basta possuir “apenas” qualidades tradicional-acadêmicas; ganha importância o fato de Caro ter jogado sete anos na seleção alemã de Tênis de Mesa (sendo destituído do cargo de diretor da mesma Federação em 1933), foi torcedor fanático do Internacional Sport Club de Porto Alegre e conviveu com pessoas renomadas como Erico Veríssimo, na famosa *Sala dos Tradutores* da Editora Globo, a partir de 1939. Não surpreende então que Herbert Caro - advogado-tradutor-esportista e conhecedor de música - surja como personagem num capítulo do romance *As Confissões de Lúcio* (2006) do escritor pernambucano Fernando Monteiro ou em um dos infinitos blogs na rede virtual, em que é descrito, por um dos que o conheceu, da seguinte maneira:

Conheci o Dr. Caro numa loja de discos eruditos de Porto Alegre, a *King’s Discos*. Lá, eu, ele, o Júlio - que trabalhava na loja - e outros, tínhamos um encontro não marcado, mas sempre repetido aos sábados pela manhã. Nós, o grupo dos tarados por música, ficávamos ouvindo as novidades e aprendendo com a inacreditável sabedoria do velho. Quando o conheci, ele já devia ter mais de 70 anos. [...]. Creio que Caro não viu a falência do jornal *Correio do Povo*, onde por décadas publicou suas compreensivas (expressão dele) e lindamente escritas críticas musicais. Como convivi com ele entre meus 20 e 30 anos, era tratado pelo mestre como a criança curiosa que era. Ele tinha atenção especial para comigo e o Júlio, os jovens do grupo, e gostava de me orientar na obra de meus amados Bach e filhos,

Mozart, Brahms e Beethoven. Deu-me alguns discos, sempre sob o pretexto de servirem como comprovação de suas opiniões, nunca pelos motivos reais, que eram a consideração, a amizade e o carinho. Era alemão. Chamávamos o Dr. Caro de Doktor Carro, apelido de duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que nos referíamos a seu forte sotaque, homenageávamos o grande tradutor de *Doutor Fausto* e *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, *Auto-de-fé* de Elias Canetti, *A Morte de Virgílio* de Hermann Broch, *O Lobo da Estepe* e *Sidarta* de Hermann Hesse, etc. Ele era conhecido por ser de difícil trato, mas gostava de nós e creio que nos levava livres - a mim e ao Júlio - por receio de nossa ironia. Uma vez, pareceu-nos que ele auto-elogiava a tradução (a qual é impecável, insuperável) de *A Montanha Mágica* (uma obra-prima!) e nós começamos a falar sobre a inutilidade de se traduzir um livro em que nada acontecia, em que as pessoas ficavam falando sobre o tempo, doenças, guerra e que inaugurava o riquíssimo e “arborescente” gênero do erotismo tuberculoso.... Depois começamos a falar sobre a “metáfora da Europa” contida na obra e a bobajada alcançou níveis planetários. Viram? Para nós, era fácilmo conversar com ele. Ele primeiro ficava com aquela cara escandalizada de alemão rígido: estão-brincando-com-algo-que-é-sagrado-para-mim. Depois dava gargalhadas conosco. Voltava todos os sábados para nos ensinar e, eventualmente, para apanhar mais um pouquinho.” (RIBEIRO, 2005, p.3)

Referências parecidas ao Herbert Caro encontram-se no já citado romance *As Confissões de Lúcio* (2006) do sempre polêmico e combativo escritor Fernando Monteiro. Monteiro nasceu em Recife, em 1949, e é escritor, poeta, cineasta e crítico de arte. Publicou livros como *A múmia do rosto dourado do Rio de Janeiro*, *Aspades*, *ETs etc.* e *O grau Graumann*. Com seu último livro, *As Confissões de Lúcio*, Monteiro dá continuidade a uma história e a um projeto iniciados em 2002, com a publicação de *O grau Graumann* (Editora Globo, 2002). Lúcio Graumann é um escritor brasileiro desconhecido entre seus conterrâneos e que, repentinamente, acaba laureado com o prêmio Nobel. Dias antes de receber o prêmio, porém, o homenageado morre. Atormentado, o jornalista Mauro Portela, que se considera plagiado por Graumann, antigo colega de profissão, fica encarregado de administrar o espólio literário do grande autor falecido. A partir dessa trama, Fernando Monteiro, misturando ficção e realidade, criações suas e personagens verdadeiros - entre eles, vários escritores nacionais consagrados, debate questões bastante amplas sobre literatura no Brasil e no mundo, seus propósitos e suas mesquinhas. No final do livro avisa: “qualquer semelhança não é mera coincidência” e o fato de manter os verdadeiros nomes de muitas pessoas fez com que a editora Companhia das Letras rejeitasse a publicação, alegando que “há um desconforto com o fato de a editora e pessoas do nosso conhecimento fazerem parte do enredo”. Está acertado o lançamento do terceiro e último volume da trilogia, ainda neste ano. Sairá, em uma caixa, juntamente com *O grau Graumann* e *As confissões de Lúcio*.

Cito aqui um trecho do capítulo “Falenas na Sombra”, de *As Confissões de Lúcio*, em que Herbert Caro é chamado pela personagem central - o jornalista Mauro Portela - de “Herr Graal”:

Essa anotação eu lera ainda na praia da Paraíba. Havia sentado sobre o papel, na rede de Acaú (Lúcio o deixara amassado sob o calor de febre do seu corpo magro naquele descanso menos estreito do que parecia, e mais cheio de areia e detritos do que se esperava). Quando descobri o papel, pensei - não sei porque - nas três ou quatro vezes (um recorde!) em que havíamos saído para beber no bar de um alemão, próximo da redação do Correio porto-alegrense... o que não era garantia nenhuma de conversa fluente, de piadas, do humor leve de sextas-feiras nas quais você ouve e é ouvido sem grande atenção, alguém entra, você acena, retoma o fio da conversa que não se crispa e o mais. Não, com Lúcio talvez nunca fosse assim, ao contrário, embora não fosse um “chato” (eu, pelo menos, não achava), mas ao se usar a palavra “chato” talvez alguém quisesse referir aquela intensidade dos prisioneiros, isto é, uma conversa meio fixa e fiel a coisas que seguiam no centro do seu interesse, indiferente à indiferença da bebida, da diversão “organizada” como uma suspensão sem maior responsabilidade: um balão desinflado com fritas, uma coisa que pudesse ser esquecida como um jornal dobrado no banco de trás de um táxi. Claro, ele tinha humor - mas seu humor respondia só às convocações rápidas, breves. Herbert Caro compreendia bem esse humor - quando brigavam dentro e fora da redação do Correio cheia de falsos “humorados”. Caro muitas vezes alongou o jogo dos jogos de palavras que fazia com Lúcio, ao tempo das traduções que “Herr Graal” (como ele o chamava) admirava e, eventualmente, corrigia aqui e ali, em algum tijolo do idioma de Mann fundindo dois vocábulos com a sombra do terceiro como a águia sobre os picos nevados da montanha mágica disputando a visão da alma ingênua de Hans Castorp que não tinha humor, acusava Graumann, e Herbert respondia que era burrice de Lúcio não ver o humor de Mann naquele grau de exarcebação do “espírito monótono” que, no fundo, era de Heinrich e não de Thomas, como se poderia pensar do nariz degaulleano do prêmio Nobel refugiado na América para escapar da “parentada” de Graumann (uma estocada de Caro, suponho que dirigida aos ascendentes maternos, aos Braun cheios de loura burrice responsável por queimar livros em praças públicas)...

Seria um verdadeiro sanatório - e não uma metáfora da Europa - se a vertente “Heinrich” houvesse escrito o livro fascinante justamente por ser de um homem destinado a compreender tudo tarde, depois que as coisas se tornavam irremediáveis (respondia Caro, seriamente, às provocações de Graumann), e Lúcio poderia sorrir, mudar de assunto, contar uma piada - isso não seria o esperado e, contudo, quando a contasse, seria com inesperada graça, sem grande empenho, é verdade, mas com certa graça engraçada até por ter um quê de deslocada... sem no entanto riscar o vidro daquela intensidade do humor que se oculta na “seriedade” - o mesmo caso de Mann? - e que corresponde bem a uma pitada de humor secreto (não sei se isso poderá ser perfeitamente entendido por quem tenha sempre procurado ou preferido os amáveis palhaços de um escritório, Graumann não teria sido jamais um deles) manifestando-se no meio de uma roda como aquela do Correio dos velhos tempos, posso até rever a cabeça inclinada de Caro e a de Lúcio, por sua vez, no seu “ponto de parada”, naquilo que não correspondia a uma dessas pausas que se faz buscando a

“aprovação” de algum raro conviva ainda mais ensimesmado, ou surpreendendo - então - por qualquer participação súbita e perfeitamente ajustada...

Não cabe aqui discutir a qualidade literária ou estética da obra de Monteiro, mas chama atenção que, com todo seu posicionamento “marginal” referente às instâncias representativas da vida literária e cultural do Brasil, ele encontra em Herbert Caro uma figura além das detestáveis convenções sociais, resistente as falsas harmonias e de uma qualidade própria, e claro, com certo toque de aspereza. Resta expressar a esperança que a pessoa, a figura e a lenda de Herbert Caro continue ser uma inspiração para outros, seja na forma escolhida por Fernando Monteiro ou em outra variação. Neste contexto, podemos talvez pensar na vida multifacetada de (H)erbert (C)aro como uma partitura a ser explorada. Ele próprio declarou certa vez: “Os compositores de obras musicais costumam dar indicações quanto ao modo como deve ser tocada esta ou aquela peça. Entre os cronistas não existe este hábito” (CANDELORO, p. 71).

Bibliografia:

BRITTO, Paulo Henrique. Entrevista a Mauri Furlan e Walter Carlos Costa. Publicada originalmente nos *Cadernos de Tradução do Núcleo de Tradução da UFSC* (n. 2, 1996).

Disponível em: <http://www.escriitoriodolivro.org.br/oficios/paulo.html>

CANDELORO, Rosana J. (org.). *Herbert Caro*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

HAGE, Volker. Literaturkritik. *Spiegel*. 10/04/2006. Disponível em: <http://www.spiegel.de/spiegel/0,1518,410432,00.html>

MAZZARI, Marcus. Liberdade contida. Em: *Folha de São Paulo*, publicado em 05/05/2000. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/18/2000050501.html>

RIBEIRO, Milton. Uma Incrível Coincidência. 10/01/2005. Disponível em: http://www.verbeat.org/blogs/miltonribeiro/arquivos/2005/01/uma_incrivel_co.html

Nina Caro, uma mulher de destaque

Anita Brumer/Ieda Gutfreind

This text offers a closer look on the personal environment of Herbert Caro, especially in regard to the role of his wife Nina Caro.

Keywords: Nina Caro; Herbert Caro; Jewish History

Nina foi a companheira de Herbert, até a morte dele, em 23 de março de 1991. Ambos nasceram em 1906 e completaram em 2006 o centenário de seu nascimento. Diz o ditado que por traz de um grande homem existe uma grande mulher. Acreditamos que este seja o caso de Nina e Herbert Caro. Nina foi uma mulher que se destacou, em vários sentidos. Em primeiro lugar, por ter concluído um curso superior e ser ativa no mercado de trabalho, o que era raro entre mulheres de sua época. Em segundo lugar, por ter sido uma efetiva companheira do marido, participando de muitas de suas atividades culturais e sociais. Uma delas, comentada por todos os depoentes, refere-se à participação de Nina, quando das palestras proferidas por Herbert. Na maior parte das vezes, os temas referiam-se à arte, ficando o recurso visual sob sua responsabilidade. Com o auxílio do epidiascópio, um modelo antigo já utilizado na década de 1920, Nina obedecia ao comando de Herbert que, com uma “varinha”, batia na mesa, dando o sinal para a projeção da figura. Para uma depoente: “ (...) era uma coisa muito bonita os dois naquele trabalho conjunto” (ABER). Enquanto que para outros, quando o esquema não funcionava, “ (...) o Herbert ficava nervoso, porque ele queria mostrar o retrato na hora e...então, as vezes ela não conseguia retratar o que ele queria e ele ficava muito nervoso e ela também (...)” (K. OLIVEN). Na aparência Nina desempenhava um papel secundário, em realidade “ (...) nas palestras dele, ela projetava imagens de livros e coisas escritas que acompanhavam a palestra dele. Sem essas ilustrações que ela projetava, a palestra sobre obras de um artista ou a vida de uma pessoa conhecida ia ser muito seca, muito teórica; com a projeção que ela fazia a palestra tornava-se mais viva”. (S. OLIVEN).

Privilegiamos o relato da vida de Nina Caro, com base em sua entrevista concedida ao *Instituto Cultural Judaico Marc Chagal*, da qual seu marido também participou¹, bem como dos depoimentos coletados entre judeus de origem alemã e polonesa² e colegas do *Instituto Goethe*.³ Com o destaque dado à vida de sua esposa e companheira, Nina Caro, neste trabalho, prestamos uma dupla homenagem a Herbert Caro e também chamamos a atenção para a complementaridade de origem, formação, idéias e relações sociais entre o casal, destacando a importância de sua

Anita Brumer: Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Bolsista 1A do CNPq, Vice-Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. e-mail: anita@orion.ufrgs.br.

Ieda Gutfreind: Historiadora, professora aposentada da UFRGS e UNISINOS, Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rua: Gen. João Telles, 329; 90035-121, Porto Alegre, RS Fax: (051) 33 31 14 76; Tel: (51) 33 31 14 76; e-mail: iedagut@portoweb.com.br

participação na vida do marido.

O relato da vida de Nina Caro permite explorar a idéia de que os acontecimentos (conjuntura) geram situações de ruptura, que provocam mudanças, das quais muitas dependem de escolhas dos indivíduos. Sendo judia na Europa, numa época em que grassava o anti-semitismo, a vida de Nina foi marcada por várias rupturas, até sua chegada ao Brasil.

Nina Zabludovski Caro nasceu em Bialistok (que na ocasião era parte da Rússia e posteriormente passou a fazer parte da Polônia), em 29 de março de 1906. Era filha única de Henrich e Regina Zabludowski, primos em segundo grau, com o mesmo sobrenome. Sua mãe nasceu em Varsóvia, Polônia, onde concluiu o curso secundário e estudou música e fotografia. Seu pai estudou numa universidade da Letônia, em língua alemã.

Em 1910, a família migrou para a Alemanha, estabelecendo-se em Berlim, movidos, por um lado, pela busca de atendimento médico para o pai e, por outro, por medo de *pogroms*.⁴ Como o pai era bem relacionado na cidade em que vivia, foi avisado por um agente da polícia de que haveria um *pogrom* em Bialystock, recomendando-lhe sair da cidade por algum tempo, com sua família.

De acordo com Nina, “na Rússia, os judeus só podiam viver em certos lugares, mas meus pais podiam ir a qualquer parte, pois ele era um *Ehrenbürger*”⁵. Em Bialystok o pai tinha como atividade econômica a exportação de madeira (lenha); em Berlim tornou-se comerciante, estabelecendo-se com uma loja atacadista de lâmpadas.

Embora a família fosse rica e bem posicionada na Polônia, ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, em 1914, vivendo na Alemanha, seus membros passaram a ser considerados como estrangeiros. Devido a isso, Nina não podia estudar numa escola pública, devendo fazê-lo numa escola privada. Ela realizou estudos universitários, inicialmente em Berlim (onde foi orientada por Max Hermann que, por ser judeu, após a ascensão de Hitler na Alemanha, foi enviado para o campo de concentração de *Theresienstadt*, onde morreu); posteriormente, estudou em Colônia, Genebra e Danzig.⁶ Nesta última cidade, concluiu o doutorado em Germanística, com especialização em Arte Dramática,⁷ em 1933. O curso de Arte Dramática abria perspectivas de trabalho em direção e crítica de teatro, em jornais, opção que lhe interessava, pois não pretendia ser atriz. Trabalhou como leitora e avaliadora de peças de teatro, com seu posterior encaminhamento para a Diretoria do teatro e na redação de programas (cadernos com artigos) em teatros europeus.

A ascensão de Hitler como chanceler da Alemanha, em 1933, provocou importantes rupturas na vida de Nina e Herbert Caro.

Nina e Herbert conheceram-se em janeiro de 1935, num encontro pitoresco: depois de um jantar em casa de amigos comuns, Nina foi dar uma carona a Herbert e o pneu do carro furou, o que lhes deu oportunidade de conversar por algumas horas. Em seu depoimento, Herbert relata o fato com humor, dizendo: “destinos humanos dependem de um pneu estourado. A gente nunca teria se encontrado sem isso”. Herbert Caro havia deixado a Alemanha, em 1933, quando os primeiros éditos nazistas proibiram-no de exercer a profissão de advogado e ele também foi excluído da delegação alemã de tênis de mesa, indo tentar instalar-se na França, o que não teve sucesso,⁸ levando-o a retornar a Berlim.

O namoro e o noivado ocorreram em pouco tempo, uma vez que Herbert estava decidido a sair da Alemanha e Nina aceitou acompanhá-lo. Herbert deixou seu pais

natal em 12 de abril e Nina seguiu-o alguns meses depois. O casamento ocorreu em Porto Alegre, logo após a chegada de Nina, no final de 1935.

Nem os pais de Nina nem os de Herbert aprovaram a decisão dos filhos de vir para o Brasil. O pai de Nina achava que não haveria guerra e que todos poderiam ir para a Polônia. O pai de Herbert disse a Nina: - “Por que tu vais para o Brasil? Vá para a Polônia. Lá poderás administrar os imóveis [de teu pai] e não precisarás trabalhar o resto da vida”.

A vinda de Nina e Herbert Caro para o Brasil provocou nova ruptura, desta vez na família de Nina: em julho de 1939, dois meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, seu pai retornou a Bialystok, pois não acreditava que haveria guerra e não queria abandonar seus bens; sua mãe conseguiu sair da Alemanha através da Itália, vindo encontrar sua filha e seu genro em Porto Alegre. Quando começou a guerra, o pai de Nina não conseguiu mais sair da Polônia e é provável que tenha sido uma vítima do Holocausto, junto com outras 42 pessoas da família de Nina, entre tios e primos. Os pais de Herbert decidiram imigrar para o Brasil depois da *Noite dos Cristais*.⁹ Herbert Caro explica: “a imigração da geração dos pais foi posterior a da geração dos mais jovens. Os mais velhos não queriam sair. Sabiam que aqui não poderiam ganhar a vida e tinham ainda alguns bens que os nazistas não tinham confiscado; ficaram [lá] até a vida se tornar completamente insuportável”.

Duas dificuldades importantes colocavam-se para o imigrante: aprender a língua falada no país de adoção e encontrar trabalho. Em ambos os casos, Herbert e Nina tinham experiências em parte distintas e traçaram caminhos diferentes. Os dois conheciam vários idiomas, entre os quais alemão, inglês e francês; Herbert sabia ainda latim e grego e Nina tinha alguns conhecimentos de espanhol. Herbert, durante os três meses entre o recebimento da carta-convite que lhe permitia vir para o Brasil e a data da viagem, estudou português em Berlim, com uma professora particular, teuto-brasileira, que tinha poucos conhecimentos da língua e falava com forte sotaque germânico. Além das aulas, ele estudou como autodidata, procurando palavras e seus significados num dicionário. Quando embarcou no navio, já tinha um vocabulário de mais ou menos três mil palavras em português e desde o primeiro dia em Porto Alegre conseguia ler, com alguma dificuldade, o jornal *Correio do Povo*, embora não entendesse o que as pessoas falavam porque seu ouvido não estava acostumado. Nina tinha amigos na Alemanha que falavam a língua espanhola, e ela a havia aprendido com eles, o que a ajudou no aprendizado de português.

Quanto ao trabalho, Herbert era graduado em direito e estudou Letras na França, durante dois anos, o que o habilitou para a área do ensino de línguas e tradução. Sua mãe era cantora e seu apartamento era freqüentado por músicos, o que lhe permitiu vivenciar a prática da música em seu cotidiano.

Nina, por sua vez, tinha um diploma de professora e antes de sair da Alemanha fez alguns cursos de artesanato com couro, vidro e papelão. Mas não teve sucesso na atividade de artesã, uma vez que não conseguia vender seus produtos. Conseguiu um emprego de meio turno da *Livraria do Globo*, onde foi colaboradora de Gilda Marinho na seção *A Mulher e o Lar*, e no outro turno dava aulas particulares de alemão, inglês e francês. Nina deu aulas de português para imigrantes judeus-alemães, recém chegados em Porto Alegre. Mais adiante começou a lecionar alemão no *Instituto Goethe*, onde dava aulas nos currículos básico e médio e também para cursos mais avançados. Manteve uma roda de conversação com senhoras de mais idade, seguindo com essa atividade, mesmo após a morte do marido. Para uma depoente: “(...). nem sei quem eram aquelas senhoras, mas elas vinham

regularmente, nenhuma delas teria saído da aula dela por nada nesse mundo, porque como a dona Nina também era muito culta, todos os assuntos eram assuntos em que ela podia ajudar; eram senhoras que já falavam bem o alemão” (BRAAZ). Aqueles que privaram da intimidade dos Caro recordam que, “(...) A Nina trabalhava e ganhava muito bem com as aulas, enquanto o Herbert não ganhava muito. A tradução não era negócio, era mais um hobby, porque não rendia. Se ele consultava uma ou duas palavras um dia inteiro, não rendia, porque [seu trabalho] era pago por página. Então, ele não fazia muito dinheiro; Nina ganhava muito mais...” (S. OLIVEN).

Adicionalmente ao ensino de línguas, Nina foi incentivada pela mãe de dois alunos particulares, que assistia a suas aulas, a escrever um livro didático sobre o ensino da língua alemã, *Aprende brincando, criança!*, publicado pela *Editora da Livraria do Globo*. Seguiram-se as publicações de outros livros didáticos, em português e em alemão:

Aprende brincando a contar!

Mostre o que sabe!

Jogos, Passatempos e Habilidades (Editora Globo)

Lachen und Lernen (Editora Sulina)

Raten Sie mal!! (Ernst Klett Verlag, Stuttgart)

Alguns desses livros, sob a forma de charadas, enigmas, problemas e adivinhações, com vários joguinhos referentes a adjetivos, advérbios, substantivos, numerais, facilitavam o aprendizado do alemão, tanto por crianças, como por adultos. Uma colega, professora do *Instituto Goethe*, recorda que os livros didáticos que usavam no final da década de 1960 e nos anos 1970 eram livros sérios, clássicos; nesse sentido, as obras de Nina Caro expressam um outro método de aprendizagem – um processo lúdico, mas que exige raciocínio, o estabelecimento de relações e a descoberta pessoal. Para sua colega, “(...) no ensino do alemão ela foi muito à frente no seu tempo” (BRAAZ).

Embora fosse uma intelectual competente, avançada para sua época, Nina Caro não transgrediu os limites da divisão sexual do trabalho e do poder vigentes na sociedade. Seu trabalho concentrou-se em atividades de ensino e, quando trabalhou na *Livraria do Globo*, envolveu-se em assuntos voltados a mulheres. Ao mesmo tempo, pelo menos em público, mantinha uma atitude de respeito e uma relativa submissão ao marido. É isso que revela a jovem que entrevistou o casal em 1988:

A entrevista foi interrompida por duas vezes devido à interferência do Dr. Caro: a primeira vez por iniciativa dele e a outra por solicitação da própria entrevistada. Nestas duas ocasiões, enquanto ele falava, ela se manteve absolutamente quieta, como se valorizasse unicamente as lembranças do marido (anotação de Ivone Herz Berdichevski, à entrevista concedida por Nina Caro em 20/07/1988).

Submissão aparente, exteriorizada, porém ciente de suas capacidades, se não superioridade em vários aspectos ou, no mínimo, consciência da sua igualdade em relação ao marido. Sua formação germânica lhe oferecera modelos e sua condição de gênero lhe incitava a mostrar-se desta forma. Seu marido tinha carteira de motorista, mas não dirigia, ou melhor, era Nina quem ‘estava’ no volante, orientando inclusive

as mudanças de câmbio. Nina reagia em aparente placidez diante da vida, seguia em baixa velocidade; velocidade/ ritmo era ela quem dava.

Em depoimento, identificamos a cumplicidade de Nina e Herbert e o comportamento de Nina; segundo uma colega, o casal se bastava e se completava:

[...] os dois - ele e dona Nina - eram duas pessoas muito unidas, a gente sentia isso e pela história deles isso também se explicava. A história que não foi muito fácil. Passar por tudo que eles passaram, mas eles eram muito gratos por estarem no Brasil, por poderem trabalhar e trabalhar com essa língua que ainda era a língua deles. O que eu sempre admirei em ambos foi esse fato de eles integrarem a cultura judaica com a alemã, esta foi uma experiência que eu nunca tinha tido, porque eu me criei na Alemanha pós-guerra e quase não havia mais judeus... E eu sei que a dona Nina, por exemplo, ela era nossa colega, mais velha que nós, e era uma pessoa que deixava [...] as luzes em cima do marido, mas ela era tão culta quanto ele, só que ela era um pouco mais retraída [...]. (BRAAZ, grifo nosso).

Nina e Herbert Caro eram representantes de outra cultura. A mesma colega, referindo-se a suas relações sociais, conclui que, sendo também alemã, compreendia-os muito bem, não os via como retraídos, mas sim um tanto reservados, pois: “não é que[...] não se queira as outras pessoas perto de si, é simplesmente que a esfera domiciliar é algo sagrado”. (BRAAZ). Mulher de seu tempo, que soube ir além dele, deixou lembranças de que:

[...] era uma mulher muito bonita [...]. Eu a conheci quando ela já tinha talvez uns 60 anos [...] mas ela era uma pessoa que se valorizava, ela pintava o cabelo, ia no instituto [de beleza] regularmente e usava batom, eu achava isso muito bonito, porque na época nem todas as mulheres dessa idade gostavam de si, e ela tinha um guarda roupa bem abastecido, tanto com roupas formais quanto roupas menos formais, algumas até coloridas. Eu me lembro que ela não era uma pessoa que andava só de preto ou azul marinho; ela era uma pessoa que usava roupas claras. Mais tarde ela ficou com um pouquinho de falta de mobilidade [...], estava ficando mais velha, mas mesmo assim [...] a elegância ela nunca esqueceu, nunca! (BRAAZ)

Sem exceção, os depoentes de origem judaica-alemã relembrou os encontros de sábados à tarde, na residência dos Caro. Era um hábito antigo, quando ainda residiam em um pequeno apartamento, com sala menor ainda, antes de se fixarem em outro bem maior. Alguns iam de vez em quando, pois “Os Caro tinham estabelecido *open house* todos os sábados...” (STRAUSS). Outra depoente relembra: “Ali quase todos os sábados a gente se reunia, a Nina oferecia tortas - em um assim chamado *jour*, porque sempre ocorria no mesmo dia ... (...) de certa forma, se reuniam também para lembrar daquilo que a gente tinha tido na Alemanha” (MEYER). Nas palavras de um amigo, tais reuniões eram um “Tipo de Salon como tinha na Alemanha (...) sábados à tarde, quem quisesse podia, ia para conversar e para conhecer uma roda que tinha uma conversa interessante e elevada”. O que levava os amigos é que “ele era uma pessoa interessante, um intelectual e ela também (...), era *open house* (...)” (S. OLIVEN). Nas lembranças de uma

freqüentadora, Nina era quem preparava as tardes de sábado, mas “(...) ela não era grande dona de casa, cozinheira nem falar. Então ela organizava para poder oferecer (chá e tortas)... nunca sabia quantas pessoas vinham...isso não era muito fácil para ela” (S. OLIVEN).

A partir de determinado momento, Nina e Herbert passaram a viajar anualmente para a Alemanha.

E na volta a Nina fazia um chá e contava das viagens, mas ela contava coisas bem diferentes dele. Ela contava as novas expressões em alemão no pós-guerra, que nós não conhecíamos. E ela gostava muito de ler os anúncios no jornal; ela contava o que agora se procurava, o que era bem pago, quem se oferecia para trabalhar, coisinhas da vida diária. Ela também falava da moda, apesar de que a moda alemã não foi copiada para o Brasil, não era considerada tão chique, mas havia mudanças e essas coisas ela contava no chá... (...). (S. OLIVEN).

Nina Caro faleceu em 1993, aos 87 anos, e nos depoimentos emerge uma imagem de pessoa discreta, porém com o reconhecimento da sua grande importância em relação a Herbert Caro, sintetizada em expressões como: “(...) o que ele era, metade era por causa da Nina (...)” (S. OLIVEN).

Depoimentos:

ABER, Marlene Haas. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/11/2006.

BRAAZ, Birgit. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 21/11/2006.

CARO, Nina. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/07/1988.

MEYER, Gertrude. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

OLIVEN, Klaus & SELDI. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

STRAUSS, Mariane. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 31/10/2006.

Notas:

¹ CARO, Nina. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/07/1988.

² OLIVEN, Klaus & SELDI. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006; STRAUSS, Mariane. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 31/10/2006; MEYER, Gertrude. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 10/11/2006.

³ BRAAZ, Birgit. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 21/11/2006; ABER, Marlene Haas. ICJMC/Depto de Documentação e Memória. Porto Alegre, 20/11/2006.

⁴ Pogrom (do russo *porpom*) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa. A palavra tornou-se internacional após a onda de *pogroms* que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884, causando o protesto internacional e levando à emigração maciça dos judeus. Pelo menos uma parte dos *pogroms* podem ter sido organizados ou apoiados pela *okhranka* (polícia secreta russa). Apesar de não ter sido apresentada evidência até agora, o fato da indiferença da polícia e do exército russos foram amplamente comentados, e.g., durante o primeiro pogrom de Kishinev de 1903, que durou três dias, bem como as precedentes incitações anti-semitas em artigos de jornais, uma indicação de que os *pogroms* estavam em linha com a política interna da Rússia Imperial. A Revolução Russa de 1917 e a consequente Guerra Civil Russa foram acompanhadas de vários pogroms. Por um lado, judeus ricos partilharam o destino de outras pessoas ricas da Rússia. Por outro lado, as povoações judaicas sofreram vários *pogroms* pelo Exército Branco, que viam nos judeus um ator principal do "complô judaico-bolchevique". (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pogrom> , consulta em 26/03/2007).

⁵ Cidadão *emérito*, honorário.

⁶ Gdansk, que na época era uma cidade independente – Freistadt – entre a Polónia e a Alemanha

⁷ O título de sua tese era: “Das Hauptproblem in den Jugendwerken von Gerhard Hauptmann” (O principal problema nas obras iniciais de Gerhard Hauptmann).

⁸ De acordo com o depoimento de Herbert Caro, quando foi para a França, começou a estudar Letras e pretendia ser professor de grego e latim num ginásio francês. Mas abandonou os estudos quando viu frustrada sua expectativa de trabalhar na França. Ele não poderia ser professor numa escola pública, porque, com o aumento do número de estrangeiros na França, foi promulgada uma lei que somente permitia a admissão como funcionário público de quem fosse naturalizado há pelo menos 10 anos. E ele não poderia lecionar em escolas particulares, sob a administração de religiosos católicos, pois elas não aceitavam judeus.

⁹ Na noite de nove de novembro de 1938 e no dia seguinte, a pretexto de vingar um atentado cometido em Paris contra o diplomata alemão Ernst vom Rath, por um jovem judeu, o governo hitlerista estimulou que seus milicianos dessem início a um colossal pogrom contra a comunidade judaica alemã. Na contabilidade dos assassinatos constavam 90 mortos e a depredação de 5.700 estabelecimentos judaicos, muitos deles completamente destruídos pelas chamas. Em Berlim, turbas de milicianos da SA assaltaram as grandes sinagogas das ruas Fasanen, Levetzow etc., incendiando-as e deixando-as quase que demolidas. Na Alemanha inteira outras 177 sinagogas foram profanadas. Este evento pode ser considerado como um ensaio do Holocausto.

(<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/holocausto.htm>, consulta em 26/03/2007).

Klaus Oliven relembra

Klaus Oliven

This text shows, besides Herbert Caro's many accomplishments in his various activities, also some personal traces of his life. In this way the reader may obtain some insights into the personality of this outstanding intellectual.

Keywords: Herbert Caro; History of exile; Exile in Brazil

Acho que sou a pessoa mais velha que conheceu o Herbert Caro, o pai dele e o meu pai já eram amigos íntimos. Eles frequentaram a mesma turma no colégio, tinham o mesmo círculo de amigos e, ainda por cima, moravam no mesmo edifício na Joachimstalerstrasse 11, em Berlim, o *Kurfürstendamm*, edifício este onde nasci, distante uma quadra de uma das avenidas mais conhecidas de Berlim. A família Caro morava um andar acima da família Oliven.

Assim sendo, naturalmente conheci o Herbert, mas não tínhamos um contato íntimo, porque ele era doze anos mais velho que eu. Enquanto eu era ainda um ginásiano, ele já era advogado formado. Eu sabia que ele era um grande campeão de tênis de mesa, fazendo parte da Seleção Alemã durante cinco anos e sendo vice-presidente da *Federação Alemã de Tênis de Mesa*; tudo até o advento do 3º Reich em 1933. Eu também jogava tênis de mesa, e tínhamos em nosso apartamento uma mesa oficial. Durante anos, em meu período colegial, eu nutri um desejo reprimido de pedir ao Herbert que jogasse, ao menos uma única vez, uma partida comigo lá em casa. Mas nunca tive coragem de pedir a ele, grande campeão, para jogar uma partida comigo, um jogador tão modesto.

Herbert chegou ao Brasil no ano 1935, quatro anos antes da minha chegada. Formado advogado pelas universidades de Berlim e Heidelberg, deixou a Alemanha, logo quando o exercício da advocacia e demais profissões acadêmicas foi proibido aos judeus pelas leis nazistas de 1933. Herbert exilou-se em Dijon, na França, onde frequenta cursos greco-latinos e Letras na universidade local. Seu propósito era tornar-se professor de ginásio nessas matérias, pois já tinha uma formação escolar humanística. Como os pais já não tinham mais a possibilidade de enviar-lhe dinheiro, pois o envio de divisas para o exterior era estritamente proibido no regime nazista, Herbert sustentou-se dando aulas de tênis em Dijon.

Mas depois de algum tempo de estudos na universidade de Dijon, o governo francês promulgou uma nova lei, devido ao grande afluxo de emigrantes judeus, principalmente da Alemanha. A lei determinou que candidatos a funcionário público deviam ter adquirido a nacionalidade francesa há no mínimo dez anos. Diante deste fato Herbert resolve voltar a Berlim com vistas em preparar sua emigração para além-mar. Este passo importante salvou sua vida, pois quando a França foi invadida pelo exército alemão, seis anos mais tarde, em 1940, os imigrantes judeus foram levados pela própria polícia francesa; primeiro para campos de concentração na

Emigrou para Brasil em 1939 com sua família. Filho do famoso escritor Rideamus e autor de diversas publicações sobre a imigração judaica no Brasil. e-mail: k.oliven@uol.com.br

França e, mais tarde, transportados de lá pelos Nazistas para os campos de extermínio na Polônia.

Herbert chega ao Brasil em maio de 1935, longe das turbulências na Europa, e escolhe como residência Porto Alegre, onde já morava um parente seu, bem distante, única pessoa no país que conhecia. Em dezembro do mesmo ano casa com a Dra. Nina Zabłudowski, que conheceu em Berlim pouco tempo antes, e que chegou a Porto Alegre alguns meses depois dele.

Começa então um período difícil na vida de Herbert. Não podendo naturalmente exercer a sua profissão de advogado em sua nova pátria, teve que encontrar outros meios de sustento. Inexperiente em assuntos de comércio, associa-se a uma fábrica de fechaduras para portas com o pouco dinheiro que conseguiu trazer da Europa. A fábrica faliu pouco tempo depois e Herbert perdeu o pouco dinheiro que havia trazido de sua terra natal. Trabalha depois um bom tempo como caixeiro viajante para uma firma que publicava almanaques; coube a ele obter anúncios de propaganda de firmas do interior para o almanaque. As condições de trabalho eram muito difíceis. Herbert, advogado de profissão, intelectual de alto nível, viajando de trem e de ônibus na década de trinta do século passado pelas estradas poeirentas e mal cuidadas do interior, pernoitando em hotéis de péssima qualidade e tentando vender anúncios a quem não estava muito interessado; pois um almanaque não se equivale a uma mercadoria e, os comerciantes, em geral, não estavam particularmente interessados em publicar anúncios em almanaques de circulação restrita. Quando cheguei aqui, em Abril de 1939, Herbert ainda exercia aquela atividade e, apesar de certamente não ter sido fácil para ele, nunca o ouvi se queixar de sua vida.

Nessa longínqua época interligam-se novamente os destinos das famílias Caro e Oliven. Em 1938, depois da assim chamada “Noite de Cristal”, que na verdade foi uma noite de pogrom, a emigração dos judeus da Alemanha e Áustria ficou extremamente difícil, quase impossível, pois nenhum país queria aceitá-los mais. A família Oliven tinha conseguido vistos de turista para o Uruguai, pagando um valor alto, através do cônsul uruguio de Frankfurt, em Main. Quando o governo uruguio soube que seus cônsules no exterior estavam enriquecendo, invalidaram todos os vistos emitidos pelos mesmos. Fomos muito felizes de conseguir, em março de 1939, vistos brasileiros do cônsul do Brasil em Marselha, Murillo Martins de Souza, que contrariando as instruções secretas do governo Getúlio Vargas em 1938 (entre elas, ade não conceder vistos de qualquer categoria a “pessoas de origem semita”), nos concedeu vistos temporários em março de 1939, sem cobrar nada, simplesmente por motivos humanitários, salvando assim nossas vidas (mais tarde este corajoso cônsul foi demitido pelo governo brasileiro “pelo bem do serviço público”). Desembarcamos em Porto Alegre, porque o Herbert Caro era a única pessoa que conhecíamos no Brasil. Pouco tempo depois chegaram aqui também os pais de Herbert, Ernst e Helene, e assim velhos amigos ficaram reunidos outra vez.

Em 1936, Herbert foi um dos fundadores da SIBRA, *Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Befeicência*, comunidade religiosa e cultural onde se reuniram os Judeus vindos da Alemanha para praticar sua religião, cultura e tradições. Mais tarde, ele se tornaria presidente desta Sociedade. Herbert não recebeu muitos ensinamentos judaicos em casa, pois seus pais já haviam assimilado a cultura alemã. Seu pai pertencia ao *Verband nationaldeutscher Juden*, a *Associação dos Judeus Nacionalistas Alemães*, fundada em 1921, da extrema direita e anti-sionista, que defendia idéias parecidas às dos Nazistas, com exceção do antisemitismo,

naturalmente. Diante dos terríveis acontecimentos do Holocausto, Herbert identifica-se como Judeu e adquire, por ele próprio, conhecimentos sobre o judaísmo, começando a estudar sua história e cultura. Herbert e Nina sempre foram nossos convidados especiais nas festas de *Pessach* (Páscoa) e *Rosh Hashanah* (Ano Novo Judaico).

Em 1939, Herbert finalmente consegue largar o trabalho penoso de caixeiro viajante, pois é convidado por Henrique Bertaso e Érico Verissimo, da *Editora Globo* de Porto Alegre, a participar da famosa “Sala de Tradutores”, na qual trabalharam, entre outros, Mario Quintana e Leonel Villandro. Esta nova atividade representa um serviço muito mais condizente para um intelectual de alto gabarito como Herbert do que o exercício de atividades comerciais. Ficou trabalhando como tradutor na *Globo* até 1948, quando esta editora fechou por dificuldades econômicas. Herbert assumiu então o Departamento de Livros Importados da *Livraria Americana*, vendendo, por vários anos, com muito amor à causa, habilidade e conhecimento do assunto, os livros certos e apropriados para os seus clientes. Sobre esta atividade publica um livro humorístico muito bem escrito, o *Balcão de Livraria*. No capítulo inicial, “Memórias de um Livreiro”, Herbert chama a profissão de “mais honrosa do que lucrativa”.

Quando, depois de alguns anos, a *Livraria Americana* encerra suas atividades, Herbert passa a trabalhar em casa, como tradutor autônomo, além de escrever artigos e críticas semanais sobre música clássica, arte e literatura, para o jornal *Correio do Povo*. Ele é dono não só de uma vasta biblioteca, como também de uma enorme coleção de discos de música erudita, e faz excelentes traduções de livros de autores famosos como Thomas Mann, Emil Ludwig, Franz Werfel, Elias Canetti, Arthur Schnitzler e Stefan Zweign, entre outros; sendo distinguido pelo prêmio da *Associação Paulista de Críticos de Arte*, além do *Prêmio Nacional de Tradução*, concedido pelo *Instituto Nacional do Livro*.

O trabalho de tradutor de livros também não é muito lucrativo para Herbert, por ele ser muito meticuloso e responsável. Enquanto outros tradutores, menos escrupulosos, passam simplesmente por cima de palavras ou expressões difíceis de traduzir, Herbert luta meticulosamente com cada termo ou palavra mais complicada, consulta dicionários em várias línguas, compara traduções da mesma obra para outros idiomas, telefona para seu colega e amigo Paulo Ronai e outros corifeus (consultando-os sobre a melhor maneira de traduzir para o vernáculo tal ou tal expressão). É fácil de compreender que, sendo a tradução de livros remunerada por página traduzida, e levando em conta que Herbert perdia um bom tempo tentando encontrar a palavra certa, o trabalho pouco lhe rende. Mas sua consciência de tradutor não lhe permite agir de outra maneira, pois ele desempenha este trabalho mais por amor à causa do que sob o ponto de vista de remuneração.

Herbert também dirige a Biblioteca do *Instituto Goethe*, com muita dedicação e conhecimento de causa, por quase duas décadas, e faz ainda conferências neste Instituto e no exterior sobre artistas alemães ou pintores do Brasil Colonial, como o alemão Rugandas e o francês Debre, sobre Aleijadinho e outras personalidades, sempre assistido pela sua esposa Nina, incumbida da apresentação dos respectivos slides.

Por estas atividades Herbert recebe da Alemanha uma das mais altas condecorações, a *Cruz da Ordem de Mérito*, 1ª classe. O governo do Rio Grande do Sul o premia com a *medalha Simões Lopes Neto*. Além disso, torna-se Cidadão Emérito de Porto Alegre e recebe a *Medalha de Porto Alegre*. Também é sócio

benemérito da *Associação Riograndense de Imprensa*. Todas estas distinções são muito bem merecidas, pois Herbert Caro conseguiu magistralmente aproximar e reunir a cultura alemã, na qual ele tinha suas raízes profundas, com a vasta cultura brasileira de sua amada pátria nova.

Herbert Caro, em resumo, foi um intelectual multi-facetado, com um conhecimento enciclopédico e uma cultura universal e humanística que hoje em dia, na era do computador, da Internet e do e-mail, não se encontra com facilidade. Herbert e sua esposa Nina eram amados por todas as pessoas que conheciam, pessoas que sempre lembrarão de suas personalidades extraordinárias.

Herbert Caro nas lembranças de amigos e conhecidos

This text offers statements of former colleagues and friends of Herbert Caro.

Keywords: Herbert Caro; statements;

Herbert Caro circulou entre vários ambientes, manteve amizades antigas, ainda dos tempos em que era cidadão alemão. Tendo vivido em Berlim e no Brasil, criou novos laços de amizades, preservando sua origem germânica. É lembrado por muitos das formas mais variadas, tais como: a permanência do seu caráter alemão, a flexibilidade em incorporar novos valores, sua erudição e sua verve de desportista (mantendo-se por toda vida torcedor fanático de um time de futebol berlinense). Em Porto Alegre, tornou-se um torcedor fanático do *Sport Clube Internacional*, assistindo a todos os jogos. Era reservado, discreto e sociável, sempre disposto a iniciar um diálogo de forma simples, porém erudita. Livros, música e arte guiaram as atividades que desempenhou ao longo de sua vida.

Conhecidos e membros de famílias amigas ainda dos tempos da Alemanha, colegas do *Instituto Goethe* demonstraram satisfação ao relembrar a pessoa de Herbert Caro. Abaixo, excertos de depoimentos de Marlene Haas Aber, Gertrude Meyer e Birgit Braaz com momentos da vida deste erudito que durante décadas tornou-se conhecido internacionalmente por suas traduções:

A bibliotecária Marlene Haas Aber, que substituiu Herbert Caro na Biblioteca do Instituto Goethe, de Porto Alegre, relembrou os seguintes episódios:

Nos primeiros anos lá na biblioteca eu me lembro perfeitamente dos usuários, até os usuários que vieram depois e que nem conheceram o Dr. Caro e nem chegaram a ter muito contato com ele. Eles elogiavam muito o acervo da biblioteca, dizem – Bah! Comparada com outras por aí, a de vocês tem um nível muito bom...muito bom! – e isso, graças ao Dr. Caro. Foi ele quem fez essa seleção toda. Ele ia anualmente para a Alemanha, visitava as editoras, se informava de lançamentos, sobre lançamentos de livros e, na parte, principalmente na parte literária, assim, o básico da alta literatura alemã, ele colocou nessa biblioteca. Nós sempre tivemos assim... Uma escolha meio, meio rígida só de um certo nível para cima de literatura e isso começou com ele. Ele fazia isso, sem... Sem que naquela época houvesse esse tipo de orientação. Eu acho que ele foi um dos primeiros, inclusive. Numa época em que outras bibliotecas utilizaram-se de uma classificação européia, que aqui nem era conhecida, ele introduziu o Dewey nessa biblioteca. Não sei se foi a primeira, mas foi uma das primeiras a utilizar uma classificação mais moderna...mais interessante, mais conhecida aqui na América. (...).

Quando a pessoa vinha ele falava – Olha, tem esse livro que eu sei que você vai gostar – ele procurava, ele conhecia bem os usuários. Uma parte do público era a colônia alemã-judaica. E também alemães, descendentes de alemães que moravam aqui, não judeus também. Eu acho que ele recomendava bem mais para essas pessoas de mais idade que sabiam... Que gostavam de ler, que valorizavam a literatura, os jovens, sabe como é... Os jovens também não dominavam tanto o alemão, sabiam alguma coisa em Português (...).

Nós trabalhamos só alguns meses juntos, e eu entrei no lugar dele por exigência do Conselho Regional de Biblioteconomia. Eles estavam exigindo um bibliotecário formado. E como ele já dava palestras também, ele disse “Bom, eu não vou ficar parado, eu vou continuar dando palestras”. Ele, além de administrar a biblioteca, dava palestras sobre arte lá no *Instituto Goethe* mesmo e continuou aqui depois algum tempo ainda, nessa nova sede. Então, a gente continuava tendo contato. Na biblioteca eu notei isso, ele gostava, conhecia os livros, tinha idéia do que tinha em cada livro. Então, gostava de recomendar para alguma pessoa – “Ah, eu gostaria de um livro assim ou assado...” – “Ah, a gente tem isso ou aquilo... Ou esse autor ou aquele”. Então, ele apresentava e a pessoa podia escolher entre esse e aquele. Eu levei pelo menos uns dois anos para conhecer um pouco do acervo da biblioteca. E ele criou este acervo, ele foi comprando os livros, escolhendo. (...)

Eu não sei até quando ele trabalhou na *Livraria Americana*, mas acredito que foi logo depois que ele passou para o *Goethe*. Eu me lembro que uma vez ele contou, que logo que veio para o Brasil, trabalhou como vendedor... Como representante, ia para o interior... Oferecer materiais, eu não sei que materiais eram. Ele disse que nunca passou tanto frio na vida dele como naquela ocasião aqui no interior, eu acho que foi em Rio Grande, que teve que esperar na estação férrea e era tudo aberto e aquele vento frio, aquele minuano, até que aparecesse o trem. É que na Europa tem aquecimento, tem os lugares abertos...e aqui não. Então aquela época ele não gostava de lembrar, os primeiros anos. (...)

Depois a *Livraria Americana*, ele lembrava com muito gosto. Porque foi aí que ele aprendeu a aconselhar o pessoal. O pessoal vinha, queria livros, às vezes não sabia – “Aquele era um romance bom?” – daí ele gostava e dizia – “Bom, esse aqui é assim, esse aqui é assado...”. Ele tinha esse gosto também de orientar o pessoal. Ele gostava de ler, então se informava, conhecia os autores... E podia... Podia orientar (...) o time dele era o Hertha Zehllendorf, um time pequeno, segunda ou terceira divisão. Eu tinha dificuldades de achar informações nos jornais, porque um time tão pequeno não ia aparecer nos jornais daqui... De um bairro de Berlim da segunda ou terceira divisão.

Documento manuscrito de dona Gertrude Meyer

Na exposição do *Instituto Goethe* consta tudo que abarca sua vida, tanto na Alemanha, como no Brasil. De maneira que não será necessário acrescentar outros fatos aos já mencionados e expostos. Eu calculo que o *Instituto Marc Chagall* recebeu os documentos do espólio do Herbert Caro das mãos de Ernest Leiser, seu grande amigo. Fiquei muito contente que a figura do Herbert Caro recebeu esta digna celebração como merece um tal homem que viveu tantos anos no nosso país. A exposição no *Goethe* elucida totalmente o que ele significa para os dois

países, aquele onde nasceu e o outro onde viveu a maior parte da vida. Eu somente vou falar sobre a amizade que me ligou a ele desde os anos que ele, com a Nina, e eu, com meu marido, convivemos. Eles chegaram em 1935, quando ele deve ter conhecido o Rodolfo, que chegou em dezembro de 1934. Eu vim em junho de 1936 e fui quase diretamente para o interior depois de casar, enquanto os Caro ficaram em Porto Alegre.

Como nós ficamos quase sete anos no interior e as minhas visitas nesses anos foram poucas, a amizade com Herbert Caro e Nina Caro começou somente em 1942. Entretanto, já sabia, em Berlim, que Herbert viria também para o Brasil, porque as nossas famílias se conheciam e os meus sogros trouxeram algumas coisas para cá, que a mãe da Nina mandou para eles.

Os pais do Herbert moravam no centro de Berlim, enquanto nós vivíamos num dos subúrbios. O que eu sabia e era natural para os habitantes da capital alemã, era que esta camada de judeus assimilados não eram religiosos, mas mais interessados nos assuntos do espírito. Os Caro – Herbert era o único filho – pertenciam aos judeus que provavelmente já tinham vivido cento e cinquenta anos ou mais na Alemanha e se consideravam alemães completamente. Como na minha casa paterna decerto ninguém negava ser judeu, na casa paterna do Herbert regia a mesma mentalidade. O pai do Herbert era advogado de muitos atores, na minha casa tínhamos amigos e conhecidos de todos os credos e ninguém fazia questão de dar-se só com judeus. Até o fim dos anos 20 pessoa alguma podia imaginar de não ser alemã e somente a aparição diabólica do Hitler podia destruir a nossa vida. Eu falo sobre estes fatos, porque os Caro e os Milchs pertenciam à mesma camada e tinham a mesma idéia da vida na Alemanha. Isto ajudou naturalmente para uma relação aqui no Brasil, nós falávamos realmente a mesma língua e tínhamos os mesmos interesses que nós compartilhamos em Berlim. Herbert era mais – além do esporte – de teatro, livros e conferências, eu era quase só da música, se bem que as artes teatrais, balé e tudo quanto se ligava ao intelecto, livros principalmente, eram minha vida. A mãe do Herbert tinha uma linda voz de contralto e mais adiante foi minha professora em Porto Alegre. Em Berlim ela não provocou o interesse em Herbert por concertos ou óperas, isto ficou reservado muito mais tarde para Porto Alegre.

Agora vou me referir a alguns fatos que me ligaram ao Herbert para o resto das nossas vidas. Claro que a biblioteca dele foi um tesouro inesgotável, já que sem livros na minha mesinha de cabeceira eu não vivia, os livros de arte eram outra fonte de delícia e ele me emprestava tudo com a maior generosidade. Quando eu comecei a trabalhar na OSPA, consegui fazê-lo ter mais interesse por música, ele até se meteu a escrever críticas de concertos, se bem que com menos sucesso, porque chegou tarde a vida da música. Mas como realmente teve de admirar a obra do Pablo Kolmos, ele finalmente soube se aquecer por “minha” arte. Eu tinha todo tipo de trabalho na OSPA, entre eles, redigir os programas para os concertos. E aí o Herbert foi meu “professor”, ajudando-me muito, porque eu tinha que traduzir textos do alemão, inglês, francês para serem incluídos nos programas. Quantas manhãs eu passei na sala dele a corrigir e embelezar meus textos que depois apareceriam nos programas! [...].

Dos amigos que foram, ele me faz falta, devo dizer, até hoje, porque é raro duas pessoas falarem a mesma língua e terem os mesmos interesses sem a mínima dificuldade.

E, finalmente, Birgit Braaz, professora do Instituto Goethe, embora lembrando mais de dona Nina Caro, teceu as seguintes considerações:

O Dr. Herbert Caro naquela época estava trabalhando ou, melhor dizendo, dirigindo a nossa biblioteca. Ele era, como todo mundo sabe, uma pessoa muito conhecida em Porto Alegre. Foi sempre um amante dos livros e ele era algo como um centro cultural do próprio *Instituto Cultural Brasileiro-Alemão*. Eu me lembro muito bem dele, da maneira de ser, era muito acessível, o que não é muito comum numa pessoa com tanta sabedoria... e falava com qualquer um que entrasse na biblioteca e quisesse saber alguma coisa. Então, ele sempre foi uma fonte de informações sobre qualquer coisa, gente procurando um texto ou alguma informação sobre um escritor, ele sempre tinha tudo. Mas depois desistiu deste trabalho, porque estava mais empenhado em fazer traduções e assim a figura dele também se afastou um pouco fisicamente do *Goethe*. Não que a gente não tivesse mais o encontrado (...).

E um parênteses só, eu vivo recomendando aos meus alunos, quando há uma obra do Thomas Mann traduzida para o português escolham Herbert Caro. Porque esse foi um dos momentos que mais me lembrou dos dois, de ambos, e da atividade de tradutora dele que, eu soube por ela, pois ele nunca falava sobre isso, especialmente comigo, mas ele... é que Thomas Mann realmente é difícil de ler, até para o alemão, e ele, o Dr. Caro ele dominava a língua alemã como poucos aqui dominam, se é que a gente pode dizer isto. Mas eu sei, por ela, que às vezes, ele lutava por um único adjetivo, durante uns quinze a vinte minutos ele caminhava para lá para cá, ela mesma me contou isso, até achar aquilo exatamente que o satisfazia também. Então, esta consciência da sua atividade, da responsabilidade que ele tinha como tradutor era algo muito, muito grande. E não podemos esquecer que ele não foi um tradutor formado para traduzir. Ele foi um tradutor provavelmente nato, pela grande cultura que possui e pelo respeito por todas as línguas que ele falava, esta é uma coisa que me impressionou demais.

Notas:

Depoimento concedido por Marlene Haas Aber a Ieda Gutfreind, pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 20 de novembro de 2006. Transcrição Eduardo Chaves.

Documento manuscrito de dona Gertrude Meyer, entregue ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, quando do seu depoimento sobre Herbert Caro, em 10 de novembro de 2006

Depoimento concedido por Birgit Braaz a Ieda Gutfreind, pelo Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 02 de novembro de 2006. Transcrição Silvana Sarmatz.

Homenageando Herbert Moritz Caro

Claus Michael Preger

This text offers a closer look at Herbert Caro's life, habits and his role as one of the founders of the Jewish Foundation SIBRA in Porto Alegre.

Keywords: Herbert Moritz Caro; life; habits; SIBRA;

1 Introdução

Antes de mais nada, desejo agradecer ao José Blumenthal e ao Conselho da SIBRA pelo convite para pronunciar algumas palavras em homenagem a Herbert Caro.

Agradecer também ao Dr. Mário Leyser por sua ajuda em recordar alguns fatos importantes da vida do nosso homenageado. À SIBRA por ter editado este pequeno volume que conta toda sua história, com palavras escritas exatamente pelo próprio Dr. Caro.

Ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall por ter me permitido acesso aos seus documentos e à entrevista com o Dr. Caro, colhida por Gabriel Oliven, em 1987. Nesta época, o Projeto Memória do Instituto era coordenado pela Marlene Kulkes Preger, e no qual trabalharam também vários integrantes da SIBRA de hoje: Sandra Lemchen Moscovich, Claudia Laub, Túlio Milman, Gabriel Oliven, Tânia Wolf, Márcia Wolf Fridman. O nosso homenageado fazia parte da Câmara de Música e Artes do Inst. Marc Chagall.

O Instituto Cultural, atualmente dirigido pela professora Ieda Gutfreind e sua competente equipe, aqui presentes, organizou, apesar de todas suas dificuldades de espaço, de pessoal e de manutenção, no Instituto Goethe, em comemoração ao centenário de nascimento de Herbert Moritz Caro, uma magnífica e importante mesa redonda no dia 16 de Outubro, e montou painéis que apresentam a vida e obra de Caro: O nome da apresentação, "Traduzindo Herbert Caro", faz um jogo de palavras, bem a gosto do nosso homenageado. A exposição que está aberta no Instituto Goethe e lá ficará até o início de novembro dispõe painéis sobre o Homem do Livro, o Homem das Artes, o Homem dos Esportes, o Tradutor e o Judeu Alemão e ainda apresenta vitrines com seus objetos pessoais, demonstrando com estes títulos a real dimensão de sua vasta obra e sobre os diversos caminhos traçados por ele enquanto esteve entre nós

Por estas razões, não falarei sobre sua obra, seria redundância, mas sim sobre alguns aspectos de sua vida, em particular daquela relação que teve com seus amigos da nossa Sociedade.

2 Vida

Herbert Caro nasceu em 16.10.06, em Berlim e estaria completando 100 anos no

e-mail: mkpreger@uol.com.br

presente mês.

O pai também era advogado: Ernst Caro que casou com Helena Simonsohn em 1905.

O pai faleceu em 1947 e a mãe em 1973, ambos em Porto Alegre.

Família relativamente abastada perdeu grande parte de sua fortuna com a inflação pós 1ª Guerra.

Era levado e atrevido com os professores, embora nunca tenha perdido ou repetido nenhum ano escolar.

Formou-se em Direito com grau de Doutor na Universidade de Heidelberg e atuou durante alguns anos na profissão.

A família vivia distante das causas e das coisas judaicas. Não celebravam nem as festas judaicas, muito menos o Shabat. Tomou consciência da condição judaica somente mais tarde, como veremos.

Fez parte durante 7 anos da seleção alemã de tênis de mesa (Tischtennis, nosso ping-pong) e era Diretor Esportivo da Federação Alemã deste esporte e capitão da seleção.

Em 1933, iniciaram os decretos alemães do governo nazista contra os não arianos. Caro foi proibido de jogar pela seleção e de atuar nos tribunais, sendo expulso da Ordem dos Advogados. Neste momento tomou consciência que era judeu. É ele quem diz: “não havia escapatória, nem outra escolha e me tornei obrigatoriamente judeu”.

Seis meses após ter sido expulso da Ordem dos Advogados, recebeu um aviso (o Doc. da época) de que era devedor da mensalidade da Ordem do primeiro semestre de 1933. Segundo ele, foi a única dívida de sua vida jamais paga.

Conheceu D. Nina ainda na Alemanha, voltando de uma festa, ocasião em que furou um pneu do carro. Como o Dr. Caro não soubesse nem quisesse trocar a roda, permaneceram dentro do carro durante horas, até o amanhecer. Desde então, só a D. Nina passou a dirigir o carro do casal.

Tentou trabalhar na França, porém foi considerado clandestino, dava aulas de tênis de campo e de línguas. Desistiu porque não obteve licença para o trabalho, o que foi sua sorte, e resolveu, então, emigrar para o Brasil, após receber uma carta de um primo que dizia que entrar no Brasil não era difícil e que em 3 ou 4 meses se arrumaria para ganhar a vida. Essa foi a diferença que salvou sua vida!

Passou a estudar português, catando palavras de um velho dicionário e quando viajou para o Brasil, já tinha um vocabulário de 3.000 palavras.

Trabalhou inicialmente dando aulas de línguas e mais tarde para uma firma de anúncios. (Atualmente, nós chamamos de firmas de Marketing e Propaganda)

Finalmente, pelas mãos de Érico Veríssimo, entrou na Editora Globo para realizar suas traduções e organizar seu dicionário de Alemão Português Alemão, de 1943, em conjunto com Leonardo Tochtrop e, em traduções, com Casemiro Fernandes. Segundo ele, foi só então que realmente aprendeu a língua portuguesa, ou seja, traduzindo.

Ganhava pouco, mas como fazia crítica aos espetáculos teatrais, culturais e de cinema, entrava em todas as estréias de Porto Alegre, de graça, como ele próprio declarou.

Após 2 anos no Brasil, recebeu uma carta de Bernhard Wolff, pai do Dr. Cláudio Wolff, convidando-o para fundar uma sociedade judaica de fins essencialmente beneficentes a fim de receber e apoiar os novos imigrantes judeus alemães. Assim

foi fundada a SIBRA, em agosto de 1936 e que faz e comemora neste ano seus 70 anos de profícua existência.

Caro foi um dos sócios fundadores da SIBRA e seu segundo presidente, dirigindo os destinos da sociedade durante vários anos. Dava aulas de Português aos recém-chegados e tinha como tarefa importante, procurar parentes de pessoas que queriam imigrar para o Brasil. Ele mesmo descreve a cena: Dr. Caro vagando pela noite de Porto Alegre, sem condução, à cata de pessoas com endereço incerto, batendo em residências de pessoas que nem conhecia. Hoje, isto seria impossível de acontecer.

Quando o Brasil entrou na guerra contra os países do Eixo, a língua alemã foi proibida e muitos judeus alemães foram presos e seus aparelhos de rádio e suas bibliotecas confiscados. O Dr. Miguel Weisfeld, sócio da SIBRA, à época, era seu advogado de porta de cadeia, no bom sentido. Assim que soubesse de uma prisão, tratava de obter o *habeas corpus*, imediatamente. Era tanto de entra e sai da prisão que a diretoria da SIBRA, à qual pertencia Herbert, aconselhada pelo Dr. Miguel, criou uma carteirinha de identificação do sócio como “alemão judeu perseguido pelo nazismo”, o que abrandou o problema. Foi criado na SIBRA, portanto, como exemplo para todo Brasil, o primeiro *Habeas Corpus* Preventivo. No bom sentido, é claro!

Caro, assim como meu pai, tinha poucos conhecimentos de hebraico. Mas gostava dos livros de rezas da SIBRA, por serem trilingües: em hebraico, em português e num novo idioma, o transliterato destinado a facilitar a leitura do “faz de conta” da língua hebraica.

Ele recebeu várias honrarias: Gaúcho Honorário, Cidadão Emérito, medalha de Porto Alegre, medalha de Simão Lopes Neto.

Não se considerava mais alemão, apenas berlinense/porto-alegrense, tanto que, quando visitava Berlim, sentia saudades de Porto Alegre e vice-versa. Sob o signo de Orion, dizia, porque é a constelação que é vista nos dois hemisférios: as “Três Marias”.

Terminou seu depoimento afirmando sua gratidão pelo Brasil que o acolheu naqueles momentos difíceis e que sempre que traduzia um livro para o português, o fazia: primeiro, porque gostava de traduzir; segundo, porque era seu ganha-pão e terceiro, porque queria retribuir fazendo um bem pela cultura do povo brasileiro.

3 Hábitos

Caro tinha vários hábitos que o caracterizavam como uma personalidade ímpar: Denominava sua profissão no Brasil de *Free Lancer*: escritor, tradutor e jornalista.

- Gostava de ler: era um literato devorador de livros. Sua biblioteca ocupava várias paredes de seu apartamento à travessa Frederico Linck. Lia em alemão, inglês, francês, português, grego e latim clássicos. Durante a 2ª Guerra, seu maior medo era o de que a biblioteca fosse confiscada, mas não o foi e apenas cresceu durante todo esse tempo.

- Gostava de música erudita. A coleção de discos *Long Play* era ainda maior que a de livros. Ele e os amigos, como o Dr. Alexandre (Preger), recebiam esporadicamente um catálogo de discos onde anotavam os que já possuíam e aqueles que queriam encomendar, especialmente no Estúdio O2 e no King´s Discos. Chegou a ser possuidor, como meu pai também, do antigo Gramofone que tocava os discos pesados de 78 rotações, substituídos mais tarde pelos de 32 rotações, mais modernos. O uso destes discos constituía um verdadeiro ritual, que ele ensinava a

seus seguidores, também amantes da música erudita: desde como tirá-los da capa de papelão até como limpá-los com a flanela úmida.

- Gostava de cinema, não perdia estréia de teatro e de concertos. Sempre contava vantagem de que não precisava pagar a entrada, pois era jornalista e crítico de artes.

- Nos fins de semana, se reunia com os amigos, dentre eles, a família Leyser (Ernesto e Hilde), os Oliven (Klaus e Seldi) ou os Strauss (Jean e Mariane) e iam a Morro Reuter ou Dois Irmãos tomar café colonial. Quem dirigia era D. Nina, um verdadeiro perigo ao trânsito das estradas, não porque dirigisse com excesso de velocidade, ao contrário, por ser lenta demais. Também iam a Gramado, encontrar os Pregers (Alexandre e Irma) onde possuíam uma casa. Na volta, pela estrada federal de Caxias-Porto Alegre, a D. Nina seguida pelo Dr. Preger, ao descerem a serra, provocavam um congestionamento de quilômetros atrás de si. Era a tortura já conhecida dos caminhoneiros, nos domingos à tardinha.

- Colheita de cogumelos. Em algumas tardes de domingo, os Caro e os Leyser, estes com as crianças, se deslocavam aos arredores de Porto Alegre, à cata de cogumelos. Caro sabia exatamente como diferenciar os comestíveis dos venenosos, e sabia muito bem, tanto é que nunca se intoxicaram. Imaginem a cena digna de um filme europeu, rodado em Porto Alegre: os adultos e as crianças correndo pelas pradarias, chapuzinho na cabeça, cestinhas nos braços, colhendo cogumelos.

- A roda de cafezinho no início da tarde. Muitos amigos sempre tiveram a curiosidade de saber como é que era esta roda, em detalhes. Praticamente, em todos os inícios de tarde, nos dias úteis, o Dr. Caro se reunia com o Dr. Preger, num café à Andrade Neves, próximo à esquina da Travessa Arcelino de Carvalho. Esporadicamente apareciam o Ernesto Leyser, Herbert Lewinsohn, Miguel Weisfeld, Erwin Bendheim, Werner Schattmann, o Kurt Kassel e a D. Nina com a D. Irma e também eu próprio. Batiam papo sobre a última aquisição de discos, sobre música, peças de teatro, concertos, sessões de cinema, política e, principalmente, sobre futebol.

O Dr. Preger tinha seu consultório no antigo Edifício Vera Cruz, em cima do cine Vitória.. Quando um dos presentes fosse consultar com ele, a consulta iniciava na mesa do café. Todos davam palpites. Era o que eu chamava de "ante sala dos tzures", onde começavam as queixas.

Pediam meia taça preta e permaneciam, em geral, até as três horas da tarde. O estabelecimento, com tanto consumo, como seria de supor, fechou.

- Domingos de jogo do Internacional. Caro era torcedor fanático do Internacional e o Dr. Preger, torcedor do Grêmio, mas como eu, era mais light que Caro. Por isso não chegavam a discutir. Nos dias de jogo do Colorado, Caro ocupava sua cadeira, devidamente fardado de vermelho, radiozinho portátil no ouvido. (imaginem a cena!).

"Em alguns domingos, na gloriosa (para os colorados) década de 70, Herbert Caro ia ao Beira-Rio. Ele e o amigo Erwin Bendheim, que morava duas quadras acima de sua casa, postavam-se na esquina da rua Ramiro Barcelos com a Castro Alves aguardando a Kombi que os levaria ao estádio. Essa Kombi, pertencente a Günter Hess, genro de Erwin, já vinha cheia: da base (na Rua Eça de Queiroz) saíam Günter com sua esposa Vera e os filhos Eduardo e Vivian e os Lemchen (Hélio, Alice e as filhas Sônia e Sandra), esses vindos das Três Figueiras. Às vezes, no caminho, pegavam Fábio e Túlio Milman, que iam no "buraco" da Kombi, por serem os menores. O banco da frente estava sempre reservado para o motorista e aos dois passageiros mais "experientes", Caro e Erwin, que reclamavam do atraso no horário

- ainda que estivessem sempre no estádio pelo menos meia hora antes do começo do jogo, pois a Kombi tinha estacionamento fixo no Beira-Rio e as cadeiras eram numeradas. Lembro-me ainda que nessa Kombi, eventualmente, cabiam também os amigos do Eduardo, entre eles o Ricardo Sondermann, o próprio Jorge Preger e também o Ricardo Preger.” (Colaboração de Sandra Lemchen Moscovich)

Dr. Caro faleceu em 23 de março de 1991 e seu nome virou praça de Porto Alegre. Em 10 de agosto de 1996, há 10 anos, portanto, foi inaugurada a Praça Herbert Caro, por iniciativa do vereador Isaac Ainhorn, à Rua Clemenciano Barnasque, ao lado do Hospital Espírita. Na ocasião, um de seus melhores amigos, Ernesto Leyser, proferiu um belo discurso, de onde nós destacamos as qualidades e virtudes atribuídas a ele: “enciclopédia viva, símbolo do erudito não sisudo, intelectual destacado, aberto aos prazeres da vida, gourmet refinado, colorado fanático, amigo de seus amigos”.

Obrigado.

Palestra proferida por Claus Michael Preger na Sinagoga da SIBRA, em 20 de outubro de 2006.

Documentos do Arquivo Herbert Caro Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em Porto Alegre

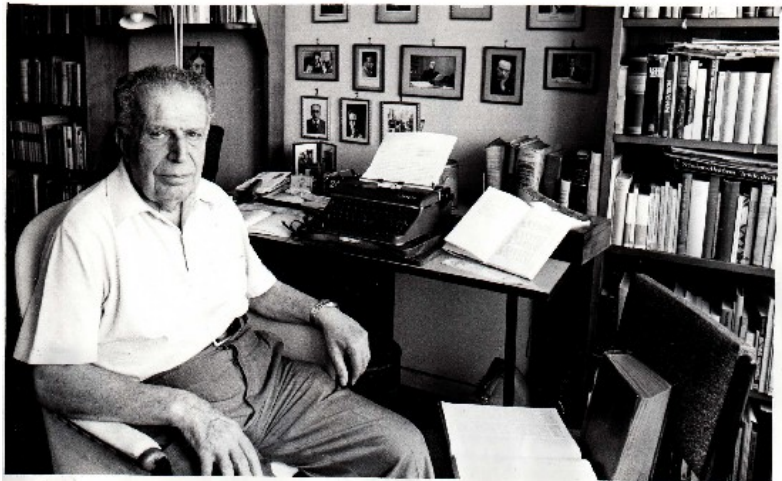
Photographs, articles and documents related to Herbert Caro.

Keywords: historical documents; Herbert Caro;



Herbert Caro

Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rua: Gen. João Telles, 329; 90035-121, Porto Alegre, RS
Tel: (51) 3311-6100; e-mail: iedagut@portoweb.com.br



Salvo-Conduto especial para estrangeiro (19/01/1945)

CAC AA

 **REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA**
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

SALVO-CONDÚTO ESPECIAL
(PARA ESTRANGEIRO) Nº 4429

O portador do presente, **HERBERT MORITZ CARO**,
natural de Alemanha, nascido a 16 de Outubro
de 1908, estado civil Casado, de profissão Tradutor, filho
de Ernest Caro e de Eliene
Simensen, cujo retrato se vê ao lado, tem permissão
especial para viajar, desta Capital a Vila Rica.

O PRESENTE SALVO-CONDÚTO NÃO PODE SER VISADO OU
VALIDADO PARA AS LOCALIDADES DA FRONTEIRA OU LITORAL.

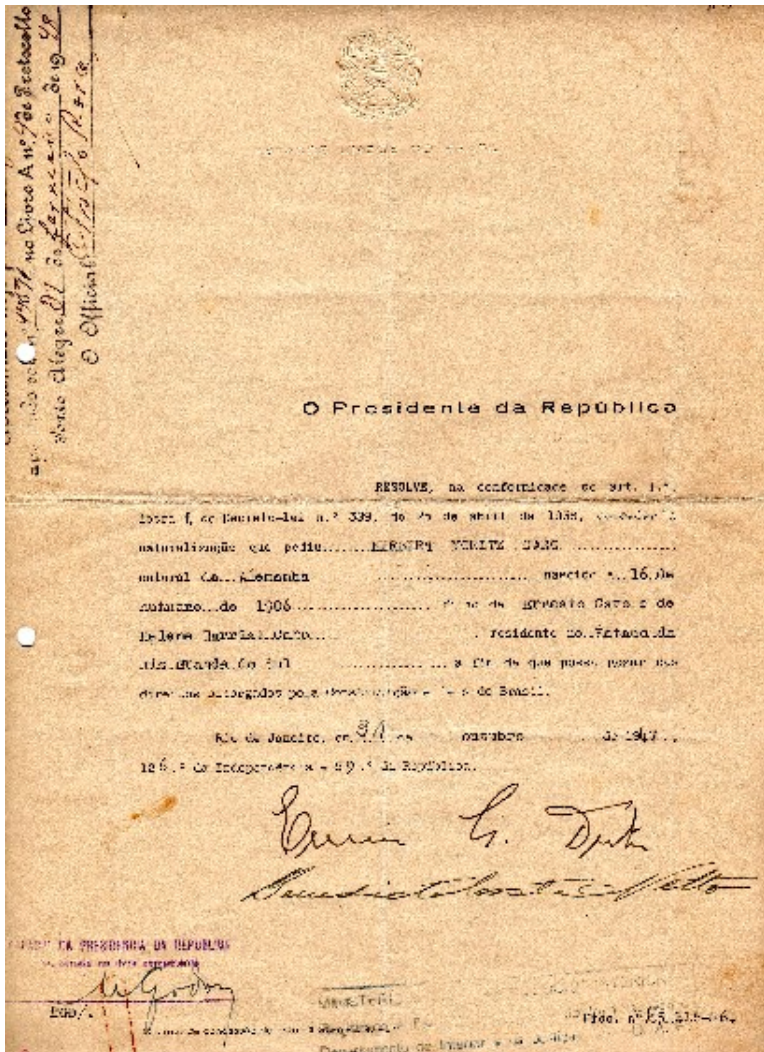
Herbert Moritz Caro
(Assinatura do portador)

Cart. n.º. 19 n.ºs.
61088 e 2782
ext. em F. Alegre
em 11-7-1945

Porto Alegre, 19 de Janeiro de 1945

Vasconcelos
Inspetor-Chefe

Certidão de Naturalização 31/10/1947



Recorte de jornal divulgando conferência de Caro no Exterior

**Deutsch-Brasilianische Gesellschaft e. V.
Institut für Auslandsbeziehungen**

Am Mittwoch, dem 15. Dezember 1965, um 20.00 Uhr, im Gebäude Huberstraße 16 der
Technischen Hochschule Stuttgart

spricht

Dr. Herbert Caro, Porto Alegre - Brasilien

über

CANDIDO PORTINARI

Brasiliens großer Maler

(mit Farbdiol)

Eintritt frei

O cartaz anuncia uma conferência de Herbert Caro sobre Cândido Portinari

AS ENCARNAÇÕES DE CARO

Portinari e Aleijadinho
Explicados Aos Europeus

Artigos publicados em jornais e revistas: Balcão de Livraria e Férias de Livreiro

Balcão de Livraria

Herbert Caro

Sei por experiência própria que não é fácil para um livreiro alcançar a alta dignidade do tubarão. Os grandes tubarões crescem até o tamanho respectável das trairas, mas na maioria das vezes ficam só até o fim da vida. E quando, muito tarde muito calma, plantam-nos na porta da livraria para confrontar a fila interminável que se formou diante do guichê de cinema vizinho com a quase absoluta falta de freqüentes no interior da nossa loja, é apenas humano que a alma se nos encha de fei e rancor. Começamos então a sair mal de quem despreza os tesouros intelectuais espalhados pelos nossos balcões.

Há alguns dias recebi um cartão postal que a Câmara Nacional do Livro distribui a título de propaganda. Vê-se nele um robusto camelo a carregar entre as roldas eiras um painel com os dizeres: "Eu não leio". Para destinatários de raciocínio lento, e que por acaso não percebam a semelhança entre o exótico ruminante e as pessoas avessas à leitura, acrescenta-se ainda alguns comentários pouco amáveis sobre a índole dos camelôides.

Tenho as minhas dúvidas quanto à eficiência dessa propaganda. Evidentemente, ela não amplia o círculo por demais reduzido dos leitores de livros. Não vejo, entretanto, como novos freqüentes de livrarias poderão ser atraídos por esse tipo de cartões. Não consigo vislumbrar resultados positivos que possam ser obtidos entre as criaturas humanas, injuriar a quem não gosta de ler não me parece um método adequado para cativar-lhe o coração. Não receio que alguém se sinta medonhado pela comparação com o camelo. Quem prefere uma partida de canasta ou uma novela de rádio à leitura de um romance geralmente não para diante das vitrines e mesas de livrarias, de maneira que nem sequer notará a bofetada que lhe deseja vibrar a eminente Câmara Nacional do Livro. Quem dará pela existência dos cartões em apêço serão, na melhor das hipóteses, os nossos freqüentes de caderno, que os olharão com indiferença, uma vez que de qualquer jeito compram livros. Quanto aos camelôides, acho que são demasiado fleumáticos para embocarem uma reação de protesto. Desta forma, o efeito prático não será muito grande.

Não me entendam mal. Sendo livreiro, percebo melhor do que ninguém a necessidade de conquistarmos novos amigos para a nossa mercadoria. Sou, porém, da opinião que para tanto não é suficiente imprimir cartões postais ou cartazes com discursos exortadores afirmando que "ler é bom" e "o livro é o melhor amigo". Não é com slogans e outros recursos de publicidade corriqueira que se curará a alergia ao livro de quem padecerá grande parte do nosso público e, em especial, da nossa juventude.

Essa mal já vem de longe. A escola, a rigor, ensina a criança a ler. As campanhas de alfabetização, multíssimas louváveis, fazem com que o número de alfabetizados decresça aos poucos. Mas não basta saber ler para gostar-se de leituras. Pessoas alfabetizadas que ignoram o prazer que lhes proporciona um livro de valor, lembrem aquela aprendiz de leitorice que possuía a palavra mágica e não sabia empregá-la.

Trata-se, pois, de transformar os nossos aprendizes de leitorice em nossos consumidores na honesta arte de ler. Devemos mostrar-lhes que o alfabeto é apenas uma chave capaz de abrir um portão cerrado, e que, para conhecerem o mundo maravilhoso que se esconde atrás, se não precisarem de uma volta na fechadura, que é o livro. Convém demonstrar que saber ler não é somente uma arma poderosa na luta pela vida, como também uma fonte inesgotável de diversões das mais variadas. Temos que educar crianças e adultos no sentido de usarem diariamente o livro como utensílio da higiene mental, assim como empregam o sabonete e a escova de dentes para o azeite físico.

Não me iludo com respeito às enormes dificuldades que nesse caso, se interporão entre o desejo e a realidade. Sei que esta última só pode ser o produto de intensos e demorados trabalhos. Sei que necessitamos lançar mão de recursos mais eficientes do que são graças aos progressos em cartões postais. Mas sei também que tudo isso não é impossível nem tão pouco requer dispêndio de muito dinheiro. O Brasil não é o único país do mundo a enfrentar o problema da adaptação das massas à boa leitura. Em outras terras já se conseguiram verdadeiros milagres nesse sentido, sem que acarretassem gastos que onerariam exageradamente o orçamento do Estado.

No próximo artigo desta série tratarei dos métodos que poderiam ser empregados para se fomentar o gosto do livro em vastas camadas da nossa população. Por hoje limito-me a apontar para um artigo publicado na "Saturday Review" norte-americana, em 26 de junho de 1954, e que é uma verdadeira mina de sugestões inteligentes. Era de desejar que uma das nossas revistas literárias o traduzisse na íntegra. Esta é a estrutura e os serviços das bibliotecas públicas canadenses através de um inquérito que abrange o país inteiro, e cujo resultado pode ser resumido nestas frases iniciais: "As estatísticas de circulação organizadas pelas bibliotecárias das diferentes regiões, evidenciam todas elas o mesmo fato: basta que livros estejam disponíveis para que sejam lidos pelo povo. Trata-se apenas de colocá-los ao alcance da gente".

Em poucas palavras, o "X" do problema. Desde que o público não vai ao encontro do livro, é preciso levar o livro ao encontro do público. Demos asas ao livro, para que ele possa abandonar as prateleiras de livrarias e bibliotecas públicas para que possa sair em busca de quem o queira.

Herbert Caro

Balcão de Livraria

Herbert Caro

O Brasil é um país muito grande. Essa constatação parece acácia, mas o próprio fato em que se baseia não deixa de exercer forte influência sobre a mentalidade de nossa gente. A extensão do país acostumou-nos a pensar, proletr, calcular em escala ampliada, como se todos os nossos problemas existissem soluções grandiosas. Assim se explica a tendência para a construção de edifícios enormes, nos quais centralizamos as repartições, os hospitais, os institutos de ensino, etc. Prevejo com algum receio que as planejadíssimas metrópoles do futuro terão no coração da cidade um arranha-céu de dez andares, destinados às finalidades do famoso "monumento" de Clochemerle.

Nã certos casos em que a centralização é contraproducente. Depois de tudo quanto acabou de expor nos artigos anteriores desta série, não será surpresa para ninguém que me refira às bibliotecas públicas. Temos algumas muito lindas. Não incluo neste número a de Porto Alegre, que há muitos anos vive se definindo, devido à parcimônia do Governo estadual. Mas a de São Paulo é um encanto de modernidade e beleza. E até bela demais, uma vez que não há necessidade de tanto glamour literário.

Por mais imponente que seja a catedral, a maioria do rebanho vai à missa da igreja de seu bairro.

Os fiéis sentem-se à vontade num ambiente mais simples; não gostam de deslocar-se; evitam a despesa e o desconforto que acarretam os veículos públicos. O mesmo acontece com os — possíveis — frequentadores das bibliotecas populares. A suntuosidade das nossas catedrais de leitura não se faz para o ponto de se sujeitarem ao sacrifício de uma viagem noturna de bonde ou de ônibus. Por outro lado, não há nos seus beirões nenhuma "capelinha" onde se possa ler. E assim vejo ver um filme ou jogar uma partida de snooker. Para isso existem oportunidades em toda parte.

Se tivéssemos bibliotecas populares em todos os recantos da cidade, de certo não encontraríamos à sua frente aquelas filas intermináveis que infelizmente observamos nas proximidades de acouques ou letarias. A necessidade de alimentar o intelectual ainda não se faz muito sensível no nosso meio. Quem esperasse resultados imediatos, fulminantes da instalação de capelinhas de leitura, pela qual propugno nestes artigos, melhor faria abandonar a ideia como irres realizável e utópica. Acho que deveremos dar-nos por satisfeitos, sobretudo nos primeiros anos, se cada capela conseguir recrutar alguns leitores e de meios entre as pessoas ante-

riormente alérgicas ao contato com livros. Nem isso será muito fácil.

Mesmo assim vale a pena fazer uma tentativa, tanto mais que esta pode ser realizada com recursos relativamente modestos. As capelinhas de leitura que eu imagino não tem a ambição de rivalizarem com a grandez e a opulência da catedral. Ficariam instaladas numa salinha singela, situada numa das ruas mais acessíveis do respectivo bairro, de preferência ao rés-do-chão; salinha de dimensões reduzidas, já que a mobília que nela deve caber é pouquíssima: uma estante a conter uns duzentos ou trezentos volumes bem selecionados, uma mesa, meia dúzia de cadeiras, um fichário e uma mesinha para a pessoa encarregada da biblioteca. Tudo isso de uma simplicidade monaca. E dispensável qualquer luxo: os frequentadores da biblioteca popular só passarão ali o tempo estritamente necessário para escolherem um livro que levarão consigo e lerão calmamente em casa, durante os próximos quinze dias.

Apreendi do relatório anual das Bibliotecas Públicas norte-americanas que naquele país muito mais rico do que o nosso frequentemente se recorre à abnegação e ao civismo de particulares ou de casas comerciais, a fim de obter-se de graça o espaço imprescindível para a instalação de uma biblioteca popular.

Também para o serviço de administração encontram-se facilmente idealistas desinteressados que, revendo-se entre si, dedicam regularmente algumas horas por semana à biblioteca popular. Em distritos rurais do Estado de Tennessee há tais bibliotecas abrigadas em filiais de banco, postos de gasolina, armazéns de sacos e molhados, agências de polícia, sendo que em toda parte os bibliotecários trabalham sem remuneração.

Talvez possamos imitar em alguns lugares esse luminoso exemplo de espírito cívico. Mas, na impossibilidade de conseguirmos para tal serviço a coletividade de um número suficiente de voluntários entre pessoas aposentadas, estudantes, etc., não pouco será preciso gastar somas elevadas para os ordenados do pessoal. A s bibliotecas populares não carecem permanecer abertas durante o dia inteiro. É apenas indispensável que estejam à disposição do público nas noites de segunda a sexta-feira, para que a população que trabalha possa abastecer-se de livros.

O número de volumes expostos numa biblioteca popular não precisa ultrapassar de trezentos, uma vez que serão mudados periodicamente, transferindo-se o estoque do bairro A para o bairro B e vice-versa. Deve, po-

rem, haver uma seleção carinhosa de literatura boa, adequada ao nível intelectual dos prováveis leitores. Convém colocar nas estantes romances de valor, livros de divulgação científica, biografias de personalidades célebres, compêndios de história, filosofia, arte, religião, obras de autores clássicos, tratados de orientação técnica. Numa palavra: um pouquinho de tudo.

Conjeturo uma coisa: É perigoso entregar o livro da biblioteca ao público, para que este os leve para casa. Haverá extravios; muita obra voltará inutilizada, etc. Esta coisa, como, lareis, não emprestarão livros muito valiosos e ainda menos raridades insubstituíveis, sob a opinião de que o prejuízo não será muito grande. Perder-se de vez em quando um livro preferível a deixa-lo criar poeira na estante, abandonado à voracidade de traças e cupim. Nenhum bibliotecário, por mais consciencioso que tenha do valor dos tesouros que lhe foram confiados, deve esquecer que sua finalidade principal é servir o leitor. Não apenas figurarem no catálogo. O resto depende de um regulamento cuidadosamente elaborado.

E por fim quero responder a

uma pergunta indelicada que me fizeram alguns amigos.

— Por que cargas d'água — indagaram eles — empreite você um livrinho, numa campanha em prol de bibliotecas populares?

Não acha que elas representam uma concorrência às livrarias? Quem lê de graça não compra livros.

Seria bonito dizer que escrever esta série de artigos por puro idealismo, impellido pelo desejo irresistível de servir a causa do livro e de aproximar a cultura do nosso povo. Seria bonito, sim! mas prefiro falar com sinceridade. Há em tudo isso uma boa pontinha de interesse. A experiência me ensinou que o livro pode ser uma mercadoria extremamente sedutora para quem pegou o "fictio" de ler. Quem se acostumou a lidar com livros, a folhas em casa, a folheá-los no bonde, acaba desejando possuir uma estantezinha toda sua. Converter um frequentador da biblioteca popular em freguês de livraria será infinitamente mais fácil do que transformar um ouvinte assíduo de novelas de rádio num fan apomado de boa literatura. Quem luta pela sobrevivência do livro, seriamente ameaçada nos nossos dias, defende também a classe dos leitores. Desculpen a meu egoísmo: ganho meu pão com manteiga, vendendo livros, e gostaria de ver entrar na livraria onde trabalho, um número cada vez maior de fregueses. Mas escolhi a minha profissão por livre e espontânea vontade, porque tinha, como ainda tenho, fe no valor intrínseco de minha mercadoria. Ainda convencerá de que o velho slogan "Ler é bom" contém uma grande e profunda verdade. Quem se habituou a desperdiçar as horas vagas lendo canaeta ou ouvindo o que lhe oferecem nas nossas estações de rádio, nem sequer imagina as delícias que a leitura de um livro é capaz de nos proporcionar.

Balcão de Livraria

Herbert CARO

Quem escreve para jornais conhece a luta que sem cessar se desenvolve entre autores e tipógrafos. Estes se servem de toda espécie de golpes baixos para derubar os seus adversários. No meu último "Balcão" spanhei tão feio que o juiz deveria ter interrompido a peleja logo no primeiro round. O texto que elucubrei ao suor do meu rosto está quase irreconhecível. Com isso talvez não se perca muito, mas o pior é que meus pacientes e assíduos leitores devem pensar que escrevi aquelas tolices em estado de completa embriaguez.

Não me queixo. Assimilei bem a lição que me ministrou o meu cronista predileto, o austríaco Alfred Polgar. Uma vez que o assunto tem relação com papel impresso e por isso se enquadra muito bem nas minhas costumeras crônicas, traduzo, a título de vingança, o seu artigo sobre

Erros de imprensa

A palavra escrita, na sua transição para o tipo de jornal, sofre estranhas modificações, nas quais se manifesta misteriosamente alguma lei enigmática.

Há certas coisas que a rigor sei explicar, como, por exemplo, aquela história das vírgulas. Parece que os tipógrafos, para simplificar o seu trabalho, servem-se de uma espécie de "vir-

guleiro", do feio de um acento retro, e do qual espargem virgulas por sobre a composição anteriormente preparada. Onde elas caem criam raízes, viciando no meio das frases, qual erva daninha que brota das fendas de um muro.

Mas como se explica o caso dos parágrafos? Como se faz que na composição se encontrem em lugares totalmente diferentes daquelas que haviam ocupado no manuscrito, no qual estavam assinalados por uma linha nova e ainda por um sinal em forma de colchete? Cada tipógrafo, e até mesmo cada redator, sabe que o efeito de um artigo impresso depende, além de alguns outros pormenores, também das cesuras e pausas de respiração a que o aspecto formal da composição obriga o leitor. Que malícia esse de perturbar arbitrariamente tais pausas e de transferi-las para trechos onde separem nexos estreitos e interrompam cruelmente a circulação do sangue do artigo! Não posso acreditar que os bom intencionados e pacíficos jornais para os quais tenho a honra de escrever ajam assim de propósito. Suponho, por isso, que

as oficinas se deixem guiar por conceitos de estética pura, quando distribuem o preto sobre o branco e juntam o texto em grupos maiores ou menores de linhas. Tenho a impressão de que os meus artigos costumam ser subdivididos exclusivamente sob o ponto de vista do efeito ótico, ornamental, de maneira que o seu aspecto cause prazer também a pessoas que não saibam ler, e especialmente a estas.

Admito que a vida de um tipógrafo não é nada fácil. Quantas vezes não lhe impingem coisas totalmente contrárias a sua natureza íntima! Mas é se detende. Experimentem somente pespegar-lhe a palavra "cósmico". Na composição sempre aparecerá "cósmico", ainda que você lhe tenha mandado o "s" numa carta registrada. Uma vez por vezes o cósmico se afigura cósmico ao tipógrafo, e nada o afastará dessa concepção do mundo, que eu, pessoalmente, acho muito simpática.

Da mesma forma, está fadada a fracassar qualquer tentativa de contrabandear as páginas do jornal a palavra "cumprimento". Ela sempre se transformará em

"cumprimento". Os tipógrafos são corteses, e nunca deixam de cumprimentar o leitor.

Normalmente não me queixo de erros de imprensa. Não sou pedante. Se o jornal temia em imprimir Meringue, onde eu tenho meu! Isso são questões de gosto. Decerto, o jornal terá as suas razões. E alterações insignificantes do texto, como "retalho" em vez de "detalhe", "histórico" em vez de "histórico", "freze" em vez de "freie", apenas contribuem para tornar o estilo mais saboroso, assim que como linhas saltadas servem para condensar o artigo. Além disso há sempre uma probabilidade de que o leitor, depois de tropeçar, confuso através da frase descarrilhada, pense que ele mesmo é o idiota, e não o autor. Todo o mundo sabe que certa escola literária se manteve durante os últimos anos, e muito bem, graças à exploração sistemática dessa probabilidade.

Muita falta de talento já tem sido compensada por deslices de composição. Amide é o tipógrafo quem dá ao artigo aquele brilho opalino, desmorteador, que o autor, pelas suas próprias forças, jamais saberia dar.

Não nos lamentemos de erros de imprensa. A gente nunca sabe onde lhe vem a profundidade.

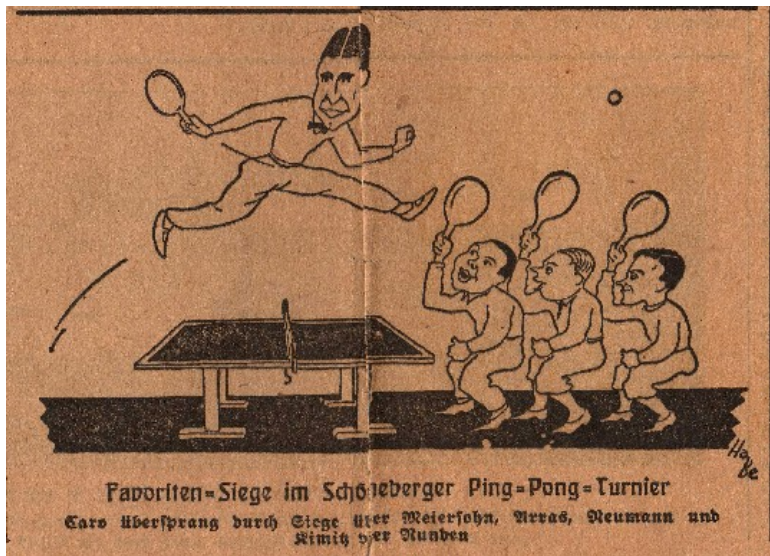
Herbert Caro na Livraria Americana.

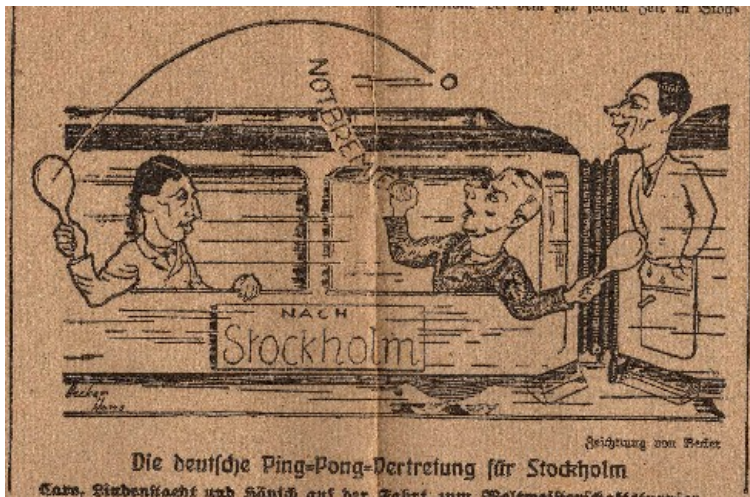


Herbert Caro esportista: Tênis de mesa:

Charges de jornais alemães







Equipe de tênis que representou a Alemanha em Estocolmo, em 1928.



Equipe de tênis de mesa alemã em Budapeste, em 1929.



O tradutor de Thomas Mann



Povo Alegre, 13 de novembro de 1987 — Página 14

ZH CULTURA

literatura

■ O texto sobre a tradução de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, feita com brilhantismo por Herbert Caro, publicado na edição passada de ZH Cultura, foi feito por B. Hamilton Almeida. Seu nome saiu com erro.

Traduzir Doktor Faustus foi desafio para Herbert Caro

Por B. HAMILTON DE SOUZA
Jornalista e pesquisador

Livro do período final da atividade criadora do alemão Thomas Mann, *Doktor Faustus* tem exigido, historicamente, muitos cuidados por parte dos editores na escolha dos tradutores e proporcionado a estes últimos verdadeiras dores de cabeça. E, noutros casos, como em Portugal, onde não se encontrou ninguém categorizado ou disposto a encarar a tarefa de alto fôlego. Já na Espanha optou-se pela solução simplista de verter de uma terceira língua, o que causou evidentes prejuízos aos leitores.

A editora Nova Fronteira foi feliz não só ao decidir lançar o livro no Brasil, como em poder contar talvez com o único tradutor do mundo de Thomas Mann, que é alemão nato. Depois de verter para o português grandes obras como *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, do próprio Mann, *Auto-de-fé*, de Elias Canetti, *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch, e *Siddarta*, de Hermann Hesse, Herbert Caro, 78 anos, cerca de 30 livros traduzidos ao longo de 40 anos, reconhece que transpor o *Doktor Faustus* para a nossa língua foi o seu trabalho mais difícil e o maior desafio de sua vida.

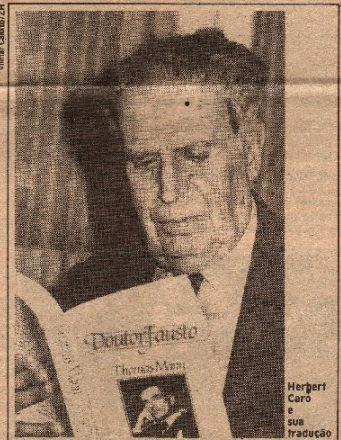
Doktor Faustus consumiu quase um ano de trabalho, a um ritmo de seis horas diárias, sem feriados e domingos, estorpo só interrompido por três dias, quando, no ano passado, Caro viajou a São Paulo para receber o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte pela versão de *A Morte de Virgílio*, considerada a melhor tradução de 1982.

Caro afirma que para traduzir o *Doktor Faustus* foi necessária "uma paciência de elefante", pois o original apresenta dificuldades de natureza estilística, além de obrigar o tradutor a ter amplos conhecimentos culturais, artísticos e compreender a história da Alemanha de 1900 a 45. Ele partiu da terceira edição da obra, publicada em Frankfurt, embora tenha em sua biblioteca a primeira edição, impressa em 1947, em Estocolmo, porque Mann reviu os originais e resolveu suprimir cerca de 100 páginas.

Thomas Mann escreveu períodos longos, o que não era comum nem em alemão e utilizou vocabulário rebuscado. Um dos personagens expressa-se, de vez em quando, em alemão arcaico e há verdadeiras dissertações musicais, além de ponderações filosóficas e psiquiátricas, de vez que a obra aborda a influência da doença sobre a criação artística. Para resolver esses tipos de problemas, Caro teve que estudar o português do tempo de Gil Vicente e se debruçar sobre a teoria da música. Procurou subdividir os períodos longos, sem prejudicar o nexo do pensamento do autor e revela que teve que ser cuidadoso com o vocabulário.

Caro argumenta que para traduzir corretamente o que Mann quis dizer "com este ou aquele adjetivo" foi necessário mergulhar fundo na história. E ele conta que o alemão arcaico da personagem Adrian Leverkühn corresponde ao inglês de Shakespeare, ao francês de Rabelais e ao português de Gil Vicente, só que, como verificou, o português se modificou muito menos que as outras línguas: "A língua portuguesa é muito mais conservadora que o inglês e o francês. Como o alemão arcaico de Mann não passar de uma imitação, tive que 'trapacear' um pouco e usar algumas expressões de até um século antes de Gil Vicente". Com todo o esmero que caracteriza suas traduções, Caro ainda procurou, nas edições inglesa e francesa do *Doktor Faustus*, observar as soluções que os outros tradutores encontraram para certos problemas. E foi então que constatou que a tradução francesa, "é muito elegante, mas elimina numerosas adjetivos e algumas frases". Como a tradução espanhola foi baseada na francesa, os erros sucederam-se. Caro declara que dispendeu muito tempo procurando as soluções mais adequadas: "Houve dias em

Herbert Caro, um dos mais desafiados tradutores de alemão, conta as dificuldades que encontrou para verter ao português o livro maior de Thomas Mann. Deonísio da Silva escreve sobre Elias J...



Herbert Caro e sua tradução

que, para traduzir uma frase, demorei 20 ou 30 minutos. E há verbos alemães que não são possíveis de traduzir".
Analisando o seu trabalho, Caro adverte, com honestidade, que nenhuma tradução é perfeita: "As línguas não são triângulos simétricos. Não se pode traduzir literalmente. A solução encontrada depende, às vezes, do momento. E deve-se fazer o humanamente possível para se aproximar do estilo do autor. Porém, algumas coisas sempre se perdem, principalmente entre línguas latinas e germânicas". Por isso, Caro confessa que se tivesse que traduzir o *Doktor Faustus* novamente, "essa ou aquela frase talvez saísse diferente".

Natural de Berlim e com doutorado em Direito pela Universidade de Heidelberg, Caro chegou a ser expulso da Ordem dos Advogados da Alemanha porque, segundo uma missiva que recebeu, na época, "não era de origem ariana". Obrigado a sair do seu país, ficou um tempo na França lecionando letras clássicas e léxicas, e chegou ao Brasil em 1938. Em Porto Alegre, onde conseguiu fixar residência, reconquistou a vida dando aulas de francês, alemão e latim. Trabalhou como caixeiro viajante até que, em 1939, foi contratado por Erico Verissimo para trabalhar na sala dos tradutores que a Editora Globo mantinha. Sua primeira tradução foi *Quatro diálogos*, de Emil Ludwig.

Com a dissolução da sala dos tradutores, Caro foi ser ilustre e passou a escrever crônicas e críticas de discos clássicos para diversos jornais brasileiros, e seguiu nas traduções, como free-lancer, onde se consagra como um dos mais talentosos. "Tenho muito respeito aquela gente que está ali na parede", diz ele, apontando para um dos recantos da sua biblioteca, onde estão penduradas fotografias autografadas de diversos escritores que ele próprio teve a oportunidade de verter para o português: Pearl Buck, Hermann Hesse, John Steinbeck, Thomas Mann, Elias Canetti... E todos estão com folhetos muito sérios, como que a vigiar o trabalho de um homem igualmente sério.

Correspondência expedida por Caro para Thomas Mann – 14/10/1941

Sehr verehrter Herr Thomas Mann! 14/10

Ihren

Vor etwa drei Monaten schrieb ich ~~XXXXXX~~ einen Brief, ebenfalls an die Adresse Ihres amerikanischen Verlegers gerichtet, auf den ich keine Antwort erhalten habe. Ich nehme an, dass entweder mein oder auch Ihr Schreiben verloren gegangen ist, und erlaube mir deshalb, mich nochmals an Sie zu wenden. Ein erheblicher Teil meiner damaligen Zeilen ist durch die Zwischenzeit überholt, sodass ich nur ~~XXXXXX~~ den heute noch interessierenden Rest wiederhole:

Im Auftrage der Livraria do Globo in Porto Alegre übersetzte ich zur Zeit Ihren Roman "Friedenbrock". Sie können sich denken, dass diese höchst ehrenvolle Aufgabe keineswegs leicht zu lösen ist. Unter den bisher von mir ins Portugiesische übertragbaren Werken der Weltliteratur - Schriften von Ludwig, Spengler, Steinbeck, Tolstoj u. a. - bin ich noch nie auf derartige Schwierigkeiten gestoßen, und dennoch kann ich sagen, dass mir noch nie eine Übersetzungsarbeit so viel Freude bereitet hat wie diese am "klassischen" Roman der deutschen Sprache.

Ich hatte mich seinerzeit hilfessuchend an Sie gewandt, weil mir das Dialektproblem insbesondere bei der Gestalt des Herrn Fernandez schwer lösbar erschien und ich gern wissen wollte, wie andere Übersetzer, insbesondere in romanischen Sprachen diese Frage gelöst haben. Inzwischen glaube ich, durch Verwendung portugiesischen Lokalkolorits zu einem befriedigen-

-2-

1 1/2

den Ergebnis gelangt zu sein. Meine Uebersetzung, die zur Zeit beim Tode des Senators angelangt ist, dürfte in etwa 2 Wochen im Rohbau fertig sein. Das Buch selbst ist fuer Juli 1942 in unserem Verlagsprogramm vorgesehen.

Zweck meiner heutigen Zeilen ist die Wiederholung ~~MY~~ einer Bitte, die ich bereits in meinem letzten Briefe ausgesprochen hatte: Koennen Sie, sehr verehrter Herr Thomas Mann, uns eine gute Portraetphotographie uebersenden, evtl. mit Ihrer Unterschrift, die man der brasilianischen Ausgabe beifuegen moechte? Waeren Sie ferner vielleicht bereit, ein Vorwort fuer die brasilianische Ausgabe zu schreiben? Fuer die Erfuellung dieser Bitten waeren wir Ihnen ausserordentlich verbunden.

Bei dieser Gelegenheit moechte ich nicht verschlen, meiner Ueberszeugung Ausdruck zu geben, dass sich die "Badenovooks" mit ihrem tiefen menschlichen Gehalt und ihrer liebevollen Milieuschilderung auch in Brasilien durchsetzen werden. Gewiss ist diesen jungen und vorerst traditionslosen Lande vieles fremd, was in diesem ungeroechlich deutschen und norddeutschen Buch enthalten ist. Mancher Leser wird in ihm etwas von dem Reiz exotischer Fremdheit finden, den auf den Europaer Schilderungen ferner Laender ausuebet. Andere werden vielleicht darueber hinaus imstande sein, die psychologische Tiefe dieses herrlichen Romannes zu erfueh-

1-3/3

-3-

len. Ich habe der Livraria do Globo, die schwankte, ob sie den "Zauberberg" oder die "Buddenbrooks" zuerst herausgeben sollte, empfohlen, mit diesen den Anfang zu machen, und hoffe damit in Ihrem Sinne gehandelt zu haben.

Herr Erico Verissimo, der literarische Leiter unseres Verlages, dessen Bekanntschaft Sie in Denver gemacht haben, bat mich, Ihnen seine bewundernden Gruesse zu uebermitteln.

Im voraus herzlich dankbar fuer Ihre liebenswuerdige Antwort, verbleibe ich mit dem Ausdruck meiner hoechsten Verehrung.

Ihr sehr ergebener

14.10.41.

Correspondência recebida por Herbert Caro John Steinbeck (New York - Estados Unidos) – 16/07/1942

